

REVUE **SPIRITE**

Journal d'Études Psychologiques
Fondée par ALLAN KARDEC



CEI

CONSELHO
ESPÍRITA
INTERNACIONAL



Pluralidade das **Existências**

Um passo na senda do progresso

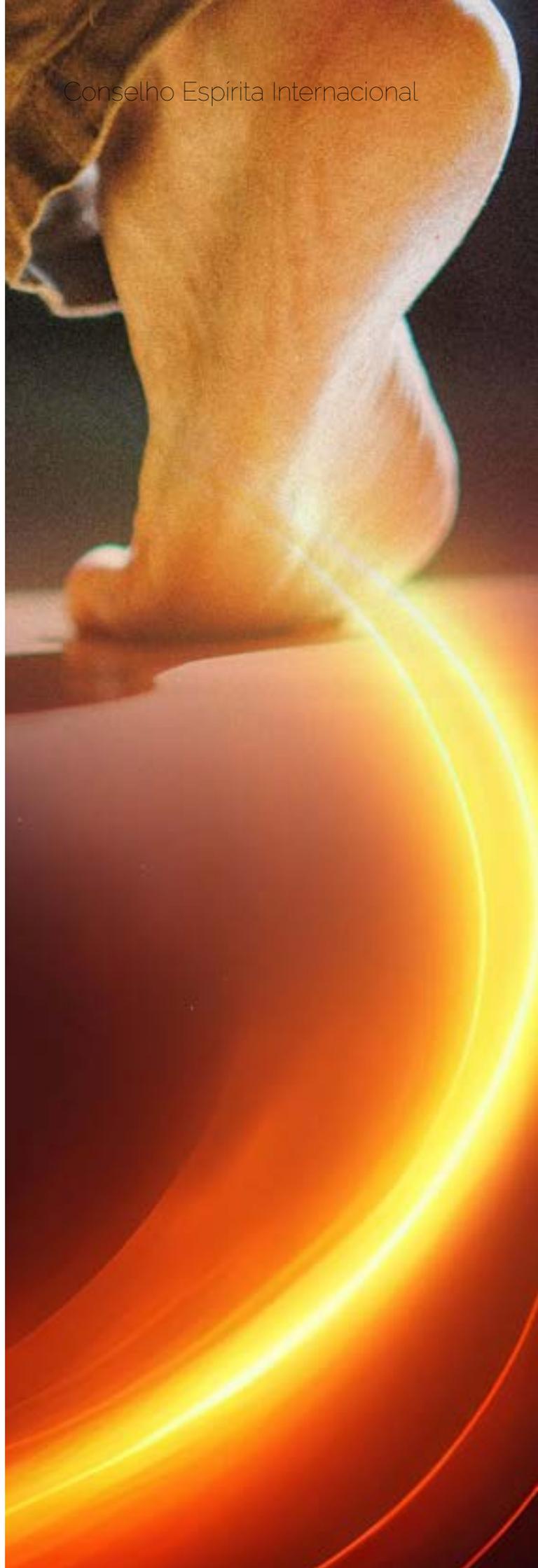
CEI

Conselho Espírita Internacional

Editorial



JUSSARA KORNGOLD
SECRETÁRIA - GERAL DO CEI
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA



direção do futuro

Refletindo sobre a pluralidade das existências não há como não ficarmos intrigados. São muitas as questões que nos vêm à mente. Quantas vidas já vivemos? Quais os lugares que já nos abrigaram como pátria? Quem fomos? Será que nossos nomes constam nos anais da história? Mas deveríamos considerar que, mais importante que lugares, idiomas, países e posições, são aqueles que vêm realizando esta jornada conosco. Muitas vezes vieram como personagens principais da família imediata e outras vezes nem tanto. A cada nova experiência, novos grupos de espíritos vão sendo adicionados e assim se expande o nosso círculo de relações de afeto.

Segundo o Espírito Emmanuel, "nós recebemos no lar a herança do passado, com a qual reestruturaremos o próprio destino, na direção do futuro. É aí, no cadinho fervente das reações espirituais intensivas que se nos exercita o coração para servir à família maior, a estender-se na Humanidade".¹

O Espírito Joanna de Ângelis nos fala que "a família é a base fundamental sobre a qual se ergue o imenso edifício da sociedade. No pequeno grupo doméstico inicia-se a experiência da fraternidade universal, ensaiando-se os passos para os nobres cometimentos em favor da construção da sociedade equilibrada".²

É a família, portanto, o nosso laboratório para despertarmos sentimentos mais nobres e relações mais profundas, passando pelo amor, a tolerância, a paciência, o perdão e a compaixão, para finalmente chegarmos ao amor fraternal, quando nos vermos a todos como irmãos e irmãs da jornada evolutiva.

Por isso, não desprezemos a família e as relações mais próximas que nos circundam, pois são eles os nossos grandes professores de virtudes a serem adquiridas e os que nos levarão a nos tornarmos um com o Pai.

1. XAVIER, Francisco C. (Diversos Espíritos). *Mãos Marcadas*, Cap. 21. Araras: IDE.

2. FRANCO, Divaldo P. (Joanna de Ângelis, Espírito). *Constelação Familiar*, Prefácio. Salvador: LEAL.

Revue Spirite

**Journal d'Études Psychologiques Fondée par ALLAN
KARDEC le 1er janvier 1858**

Propriedade do Conselho Espírita Internacional (CEI)

Logo et Marque Européenne enregistrée à l'**EU IPO** (Office de l'Union Européenne pour la propriété intellectuelle)

® **Trade mark** 018291313

Marque française déposée à l'**INPI** (Institut National de la Propriété Intellectuelle) sur le numéro ® 093686835.



Editado por

Federação Espírita Portuguesa

Praceta do Casal Cascais 4, r/c, Alto da Damaia, Lisboa

ISSN 2184-8068

Depósito Legal 403263/15

© **copyright 2020**

Ano 167

Nº15

CEI | Trimestral | Abril 2024

Distribuição gratuita

Direção (CEI)

Jussara Korngold

Coordenação (FEP)

Vitor Mora Féria

Coordenação Editorial

Sílvia Almeida

Edição e revisão de texto

Cláudia Lucas

José Carlos Almeida

Web

Marcial Barros

Nuno Sequeira

Sandra Sequeira

Arte e design

Sara Barros

revuespirite@cei-spiritistcouncil.com

www.cei-spiritistcouncil.com

Conteúdos

2	Editorial	Jussara Korngold
8	Espiritismo e Ciência	Samia Awada
36	Espiritismo e Filosofia	Artur Valadares
54	Espiritismo e Religião	Aluizio Elias
70	Revisitando a Revista	Sílvia Almeida
82	A Geração Nova	Marco Leite
100	Palestras Familiares de Além-túmulo Hoje	Espírito Honório Abreu
106	Plano Histórico	Carlos Seth
120	Espiritismo e Sociedade	Bruno Lins Quintanilha
128	Momento Espírita	Redação Momento Espírita
136	Entrevista	Jacobson Trovão
148	Comunicação Social Espírita	Ismael Moura Costa
		Marcial Barros
		André Siqueira

Equipa

Revue Spirite

“A cada nova existência o Espírito dá um passo na senda do progresso”. (KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, q. 168)

Já o químico francês Antoine Laurent de Lavoisier (1743-1794) afirmava, em 1785, que na Natureza tudo se transforma, ainda que nada se perca nem nada se crie.

Transposta para os domínios do Espírito, a lei de conservação da massa de Lavoisier, verificamos que ela tem, também aqui, a sua “leitura” coerente. Cocriador em plano maior ou menor, no campo material, o Espírito concebe a partir do que já foi previamente criado por Deus, modelando o Fluido Cósmico Universal, como o artesão modela o barro; não inventa o barro, nem o elimina. Tudo pode criar, menos a matéria-prima de que se serve para criar! No plano espiritual é artífice na sua imortalidade, desenvolvendo aptidões, forjando aprendizagens e sublimando vivências, mas não cria o seu próprio Espírito nem o seu potencial, apenas desenvolve e transforma o que em germen já existia!

Se o tempo é a via comum da caminhada, as múltiplas existências materiais são o processo através do qual as renovações e transformações vão acontecendo, “porque o progresso é quase infinito”. A cada nova existência, um novo passo na sua senda!

NOTA: Relembramos que optámos por manter a grafia e a construção sintáctica do país de origem dos autores. Assim, o leitor encontrará, nas páginas desta série da *Revue*, artigos cuja redação obedece às normas do Português do Brasil e outros redigidos segundo as regras do Português de Portugal.

“ À medida que se nos amplia a maturidade interior, reconhecemos que a evolução é um caminho em formação para o Alto, em nos reportando ao progresso do espírito

Emmanuel^{*}

HISTÓRIA DA CAPA

Nascer, morrer, renascer de novo é o inevitável, resta-nos o progresso.

Um simples passo muitas vezes é uma conquista inimaginável; transporta a alma para o voo libertador do futuro.

A Lei Natural é uma equação matemática perfeita, possibilitando a pluralidade das encarnações. Nessa equação, um dos principais fatores é a esperança, impulsionadora do ser na sua transformação.

Através da reencarnação, a Lei convida-nos à mudança: de corpo, de família, de costumes, de lugar; desafia-nos à experiência do conforto e do desconforto - processo educativo, promotor das nossas escolhas.

O conceito de impulso que move cada passo ilustra a nossa escolha de capa para este número da *Revue*.

O impulso que alavanca o futuro.



1



2



3

*XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). *Algo mais*. Cidade: Ideal.

1. Sara Barros (2024) "A step way in progress" - digital image - A nossa escolha de capa para o número 14 da *Revue Spirite*.

2 e 3 Sara Barros "Step in progress estudos de capa.

Espiritismo e Ciência face a face

SAMIA MARIA AWADA*



Educação
Transpessoal
no Alvorecer
da **Nova Era**



***Samia Maria Awada Elarrat Canto**
Licenciada em Química e Bacharel em Direito, pós-graduada em Direito Administrativo. Analista Judiciária aposentada da Justiça Federal em Rondônia. Poetisa. Espírita desde 1982, atualmente colabora no Centro Espírita Recanto da Prece, em Curitiba (PR), nas áreas de estudo, mediúnica, palestras e atendimento a pessoas em processo de luto.







Resumo

O Orbe gesta a era de Regeneração. A transformação exigida é toda de ordem moral e nesse largo período de transição planetária a humanidade é convidada a se candidatar à nova era pela iluminação de si mesma. Nesse contexto, a educação transpessoal surge como mecanismo propulsor, ao incluir, ao lado dos conhecimentos clássicos, a realidade espiritual e a proposta de auto iluminação. Para que a educação alcance essa etapa, os fenômenos e verdades espirituais precisam ser comprovados cientificamente, assim se universalizando e passando a compor o processo educativo, seja no lar, nos ambientes educacionais, nas diversas áreas do conhecimento. Ao lado da ciência que comprova, deve caminhar o Amor que ilumina - as duas asas que darão efetividade à educação transpessoal como propulsora da era de regeneração do planeta.

Palavras-chave Espiritismo, Educação transpessoal, Transição planetária, Mundo de regeneração.



Photo by Joshua Earle on Unsplash

O Alvorecer da nova era

Desde idas eras, a humanidade é convidada a ser feliz.

De mais alto, descem mensagens de estímulo e alerta à humanidade infeliz quanto ao caminho a seguir e a como seguir por ele.

Em paralelo, no ímo de cada alma rebelde, os alertas se fazem perceber através da insatisfação, do vazio existencial, da autopunição inconsciente, conduzindo os falidos aos processos reeducativos, muitos deles doloridos, experimentados durante os renascimentos na carne.

Há dois milênios, o Cristo já alertava à humanidade que o reino de Deus estava próximo e convidava ao

seu cultivo no coração: "O reino de Deus está próximo! Arrependam-se e creiam nas boas-novas!" (Marcos 1:15); "Busquem, em primeiro lugar, o reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão dadas" (Mateus 6:33).

Os tempos próximos pregados por Jesus chegaram, são os tempos atuais, e a firme decisão pelo reto caminho se faz urgente. A Terra, no dizer do espírito Santo Agostinho, em mensagem de 1862, "... há chegado a um de seus períodos de transformação, em que, de orbe expiatório, mudar-se-á em planeta de regeneração, onde os homens serão ditosos, pois nele imperará a lei de Deus" (Kardec 2021, 46).



As experiências
transpessoais são
todas aquelas
que vão além das
fronteiras conhecidas
do ego, justapondo-se
à dimensão espiritual

A esse período de transformação dá-se o nome de Transição Planetária, transformação toda de ordem moral, como tão bem registrado por Allan Kardec¹, quando cita:

“A humanidade está em processo de gestação; existe alguma coisa no ar, uma força irresistível a impele para frente [...]. Tendo chegado os tempos da renovação, consoante os decretos divinos, era necessário que, no meio das ruínas do velho edifício, o homem vislumbrasse, para não ser tolhido pelo desânimo, as bases da **nova ordem de coisas** que iria estabelecer-se” (grifei) (Kardec 1991, 10).

“A maneira por que se opera a transformação é muito simples e, como se vê, é **toda de ordem moral**” (grifei) (Kardec 1944, 420).

Sendo a transformação toda de ordem moral, urge à humanidade erigir em si o reino de Deus, elevando o seu padrão moral, para que a Terra se eleve na escala dos mundos e seja o lar da regeneração, do refrigério para a nova caminhada, após as dores acerbadas do período de expiações que se despede.

Ao mesmo tempo em que a geração velha é convidada a se reconstruir interiormente, espíritos elevados - mas não necessariamente perfeitos, serão atraídos ao orbe, colaborando para a elevação vibratória do ambiente, de modo que, “Quer os Espíritos que componham a nova geração sejam melhores, quer Espíritos antigos que se melhoraram, o resultado é o mesmo” (Kardec 1944, 420).

1. Conhece-se como obras básicas da doutrina espírita os cinco livros codificados por Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861); *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864); *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868).



A proposta da educação transpessoal é aliar à transferência dos conhecimentos técnico-científicos, a educação do espírito imortal



A Educação transpessoal

O conceito apresentado pela psicóloga Adriana Nogueira para o termo transpessoal permitirá uma melhor compreensão do tema:

"As experiências transpessoais são todas aquelas que vão além das fronteiras conhecidas do ego, justapondo-se à **dimensão espiritual**... iniciar a **jornada do autoconhecimento**, cruzar as fronteiras do Eu individual e explorar realidades impensáveis, tornando possível expandir a própria identidade e viver uma normalidade porosa e fértil, onde coisas não ordinárias podem acontecer a qualquer momento" (grifei) (Nogueira 2018, 8).

Muito embora o ego não seja, em si mesmo, bom ou mau, visto ser a base para o processo de individualização do ser, o homem deliberou permanecer centrado apenas no ego como forma de eternizar-se em suas atitudes egocêntricas e orgulhosas, cristalizando-se no pensamento equivocado de que viver significa satisfazer a seus próprios interesses.

Entretanto, para além do ego, escond-

de-se nosso verdadeiro eu, a guardar o conteúdo do inconsciente aprisionado, suas virtudes adormecidas, experiências e escolhas de seu milenar passado espiritual, qual base de imenso iceberg que, desconhecendo o seu poder, permanece submerso sob a força do ego congelado que reina sobre as águas.

Essa negação deliberada em conhecer sua real essência, transborda da alma humana para se expressar nos meios acadêmicos, científicos, políticos, filosóficos-religiosos, dentre outros, em que, apesar das relevantes produções, limitam-se, salvo honrosas exceções, ao aspecto material da vida, relegando muitas vezes à indiferença ou ao escárnio as produções que transcendam ao espiritual e, por consequência, garantindo ao homem sua ignorância quanto à sua verdadeira essência.

Por isso a transição à nova ordem é geral, e não local, e precisa chegar a todos os povos e a todas as ciências. Por isso, ainda, a tarefa de reconstrução interior, de cultivo das virtudes, não é egoística, é fraterna. Todos são

convidados ao trabalho de autoiluminação e, em paralelo, de esclarecimento do próximo, despertando as mentes para o conhecimento da Verdade que liberta.

Didaticamente, esse conhecimento pode ser dividido em duas vertentes, muito embora se interdependam:

1. o conhecimento de sua natureza espiritual e dos reflexos daí advindos, e
2. o conhecimento dos caminhos para o cultivo das virtudes em si mesmo.

O primeiro é o *aspecto científico*, racional, que envolve conhecer sua natureza espiritual e imortal em processo de evolução contínua, enquanto o segundo é o *aspecto moral*, o conhecer amorosamente a si mesmo, num processo de brilhar a própria luz das virtudes adormecidas, assim dissolvendo as sombras de seus vícios morais, de suas crenças e paradigmas limitadores.

Mas, como realizar esse convite às almas em larga escala? Para isso, torna-se necessário que os processos educativos tanto no lar, como nos ambientes acadêmicos e educacionais em geral, em sua maioria limitados à visão materialista da vida, expandam os seus limites de entendimento para além da matéria ainda durante a transição planetária, abrangendo a humanidade e a vida em sua

integralidade, no que se pode chamar de *educação transpessoal*.

Mas, onde a Educação haurirá o conhecimento, de modo a incorporá-lo e transmiti-lo aos educandos? Nesse sentido, a educação, que historicamente segue de braços dados com a ciência, aguardará que esta última a convença da existência da realidade espiritual, comprovável através das pesquisas científicas.

A proposta da educação transpessoal é aliar à transferência dos conhecimentos técnico-científicos, a educação do espírito imortal:

1. transferindo, do âmbito sobrenatural para o âmbito científico, a realidade da vida espiritual, e
2. estimulando o despertar da consciência através do conhecimento de si mesmo.

Essa proposta educativa pede pesquisas sérias, comprovações científicas, para que sejam o ponto de partida para que o conhecimento se dissemine, convide ao debate, à reflexão, assim satisfazendo à razão e sensibilizando a emoção, campo fértil ao cultivo da fé raciocinada, inabalável, como registrado por Kardec: "Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão em todas as épocas da humanidade" (Kardec 2021, 189).



As comprovações científicas, mediante as técnicas de pesquisa, permitirão que a realidade espiritual se eleve do patamar da crença religiosa para o da convicção





A certeza de que a morte é o portal para a vida espiritual, plena e eterna, contribuirá para uma nova visão de vida e de valores



O Método

Adriana Nogueira traz elucidativa reflexão sobre como a ciência passou a eliminar a subjetividade das suas pesquisas e os prejuízos daí advindos:

“Quando a ciência entrou oficialmente na cena histórica no século XVII, com seu método científico, restringiu sua curiosidade científica ao “como” (acontecem as coisas) e abandonou o “porquê” (acontecem as coisas)”.

... “para toda realidade há quatro porquês ou causas. São elas:

- 1) A *causa material*, que se refere àquilo do qual uma coisa é feita, por exemplo, a madeira de uma cadeira;
- 2) A *causa eficiente* (ou motriz), que indica aquilo que põe uma coisa em movimento, que a faz acontecer, nesse caso o carpinteiro;
- 3) A *causa formal*, que se refere à for-

ma que a coisa irá adquirir, por exemplo, a forma da cadeira que o carpinteiro tem em mente ao dar início ao seu trabalho;

4) E, enfim, a *causa final*, que remete à finalidade, ao objetivo de ter feito tal coisa.”

“A revolução científica, que deu início à idade moderna, se concentrou exclusivamente nos conceitos de causa material e de causa eficiente” [...]

“O porquê dos fenômenos psíquicos está vinculado à subjetividade individual. Ao focar somente no “como” de um fenômeno a ciência busca ser objetiva. Sua suposta neutralidade se obteria mantendo fora do campo o “conteúdo” dos próprios fenômenos, onde reside sua razão de ser, ou “causa final”. A subjetividade é assim eliminada para não poluir a pureza científica, assim excluindo a causa formal” (Nogueira 2018, 16-17).



Photo by Joshua Earle on Unsplash

De fato, uma das etapas a vencer para a implantação de uma educação verdadeiramente transpessoal será no âmbito das pesquisas acadêmicas e científicas, convidadas a destruir seus próprios paradigmas para resgatarem a subjetividade libertadora em suas análises, ou seja, a busca da *finalidade*, da *causa final* de um fenômeno.

Se a ciência é convidada a resgatar a *subjetividade*, a própria educação é convidada a resgatar a *reflexão*, de modo que ambos atentem à *finalidade* do fenômeno objeto da pesquisa ou estudo, caminho para descobertas que transcendam ao espiritual.

No campo da educação, o método reflexivo-consciencial apresentado por Alírio de Cerqueira Filho (Filho 2021, 14 e 15), muito embora destinado à aplicação nos estudos nas



Investigar
refletir
compreender
aplicar:
o caminho para a convicção

casas espíritas, propõe se estimule o educando a penetrar não apenas na razão de ser dos fenômenos psíquicos ou científicos estudados, mas também na sua finalidade.

O método proposto ampara-se em quatro pilares:

1. Consciencial: convite para que o educando *investigue* as Leis Divinas;
2. Conhecimento com base no pensamento reflexivo-consciencial: convite para que o educando *reflita*, para que passe do saber para o sentir;
3. Estimulo à prática das virtudes: *compreenda* lógico-emocionalmente as Leis;
4. Estimulo à prática do conhecimento: *aplique* as virtudes na própria vida.

Discorre o autor, ainda, sobre a importância de o homem elevar-se do patamar da *crença* para o da *convicção*, asseverando que na *crença* não há a reflexão sobre o significado e os reflexos do que se crê. Apenas se crê cegamente e, por isso, não há a transformação do homem. É a fé cega.

Na convicção, por sua vez, estimula-se o educando à *investigação* das leis divinas e à consequente *aplicação* das Virtudes em si e em seu ambiente, transformando-se e convidando o outro a se transformar. É, portanto, o resultado da fé raciocinada, do saber refletido e sentido.

Investigar – refletir – compreender – aplicar: o caminho para a convicção. Tal a proposta que pode inspirar o método a ser aplicado na educação transpessoal.

2. Os Vedas são o conjunto de quatro obras, escritas em Sânscrito védico, originados há 2.000 anos a.C, sendo considerados a primeira religião do planeta.

3. Hippolyte Léon Denizard Rivail: educador, escritor e tradutor francês. notabilizou-se como o codificador do espiritismo, sob o pseudônimo de Allan Kardec.c

4. Método da universalidade do ensino dos espíritos - possui dois aspectos: A generalidade ou universalidade dos ensinamentos, que deve ter validade universal, e a concordância dos ensinamentos, quando grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares, são concordantes entre si quanto aos ensinamentos.

Espiritismo – o repositório do conhecimento espiritual

Em todos os tempos, enviados do Cristo revelaram aos povos da Terra as verdades universais e eternas. Os que as aceitaram e as praticaram em sua pureza, sem os desvios provocados pelo homem, se iluminaram.

O milenar livro dos Vedas² foi o primeiro de muitos a cantar, na Terra, a essência divina do homem, a eternidade da vida, a lei dos renascimentos, a lei de causa e efeito, a prática do amor de forma semelhante à preconizada posteriormente por Jesus, como caminho para a libertação do ciclo dos renascimentos.

Chegados os tempos da grande transição, eis que no século XIX as verdades retornam de forma pujante e amorosa, através das falanges de espíritos iluminados que, obedecendo aos desígnios do Cristo, abriram os olhos da humanidade cega por meio de fenômenos, como a movimentação de objetos, para que, além do fenômeno, a humanidade compreendesse a verdade sobre sua natureza espiritual e a transitoriedade da matéria e relembresse as leis morais já ensinadas pelo Cristo, tão bem representadas pelo amor a Deus, ao próximo e a si mesmo (Mateus 22:39).

Coube a Hippolyte Léon Denizard Rivail³, com seu olhar de educador e pesquisador, debruçar-se sobre os fenômenos e ensinamentos.

Verificada a veracidade dos fenômenos e conhecida a sua origem como sendo dos espíritos superiores, o educador lionês, utilizando-se do método da universalidade dos ensinamentos⁴, passou a catalogar, organizar e analisar racional e reflexivamente, sem pré-conceitos, os ensinamentos trazidos pelos espíritos sobre as verdades espirituais, codificando-as em cinco livros conhecidos como obras básicas.



O paciente,
liberto parcialmente
do corpo em coma,
recobra sua plena
capacidade cognitiva e
sensorial, sente
emoções, ou seja,
permanece vivo

“

A importância do autoconhecimento e do equilíbrio das emoções, e a prática consciente da amorosidade, serão reconhecidas como fórmula para a saúde do corpo e da alma

A espiritualidade superior permanece em intercâmbio, esclarecendo e aprofundando o conteúdo das obras básicas e do Evangelho sem deles se afastar, de forma que há milhares de obras disponíveis à humanidade, muitas traduzidas a vários idiomas em forma de livros, mensagens avulsas, filmes, palestras, as quais seguem divulgadas por meio físico e virtual, assim alcançando nações e culturas diversas.

Dessa forma, o Espiritismo se apresenta como relevante *repositório* da realidade da vida espiritual, tornando-se *fonte de pesquisa* à disposição do meio científico e acadêmico.

As comprovações científicas, mediante as técnicas de pesquisa, permitirão que a realidade espiritual se eleve do patamar da crença religiosa para o da convicção. Fenômenos mediúnicos deixarão de ser vistos como miraculosos para serem explicados cientificamente; a importância do autoconhecimento e do equilíbrio das emoções, e a prática consciente da amorosidade, serão reconhecidas como fórmula para a saúde do corpo e da alma; e a certeza de que a morte é o portal para a vida espiritual, plena e eterna, contribuirá para uma nova visão de vida e desenvolvimento da ética.

Esse o motivo pelo qual o espírito Emmanuel orienta:

"[...] **Infinito campo de serviço** aguarda a dedicação dos trabalhadores da

verdade e do bem. Problemas gigantescos desafiam os Espíritos valerosos, encarnados na época presente, com a gloriosa missão de **preparar a nova era**, contribuindo na restauração da fé viva e na extensão do entendimento humano. Urge **socorrer a Religião**, sepultada nos arquivos teológicos dos templos de pedra, e **amparar a Ciência**, transformada em gênio satânico da destruição" (grifei) (Xavier 1977, 8).

Conclui-se, assim, que ao Espiritismo cabe relevante missão, no que concerne à implantação da educação transpessoal:

- Estimulando os espíritas a praticarem as virtudes a que se propõem no seu ambiente social, tornando-se exemplo da proposta moral da era de Regeneração;
- Estimulando os afetos às áreas da saúde, psicologia, artes, educação, dentre outras, a incluírem o viés espiritual, a exemplo do que acontece com a psicologia transpessoal e com a arte dedicada ao bem;
- Estimulando a investigação, a pesquisa científica e a publicação de artigos científicos sobre temas afetos à espiritualidade;
- Colocando à disposição da ciência o elevado conhecimento trazido pela espiritualidade maior, inclusive os referentes aos fenômenos mediúnicos e à transformação moral, para fins de pesquisas científicas.

A ciência e a implantação da Educação Transpessoal

A Dra. Marlene Nobre⁵, em seus estudos sobre experiências de quase morte (EQM) contidos na obra *Nossa Vida no Além*, registra as pesquisas nacionais e internacionais renovadoras e bem-sucedidas relacionadas à sobrevivência da alma, iniciadas na segunda metade do século XX, cujas publicações, em livros ou artigos científicos, vêm causando grande impacto ao público leitor.

Dentre os inúmeros casos, destacam-se os depoimentos de EQM catalogados e analisados pelo dr. Raymond Moody Jr.⁶, que deram origem ao bestseller *Vida depois da Vida*, composto pelas experiências espirituais dos pacientes durante “morte” clínica, contados por estes após ressuscitados (Nobre 2010, XIV).

O aprofundamento das pesquisas do dr. Moody, realizadas pelo psicólogo social Kenneth Ring e que resultaram no livro *Vida na Morte*, de 1980, atesta, segundo a autora, a veracidade das experiências espirituais daquele, o que levou o dr. Ring a fundar, posteriormente, a Associação de Estudos de Experiências de Quase-Morte, com sede na Universidade de Connecticut, nos Estados Unidos.

Eis uma das pesquisas científicas relatadas no livro da Dra. Marlene Nobre, que traz a comprovação inequívoca da sobrevivência do espírito:

“Com base em suas observações a Dra. Kübler-Ross desenvolveu um projeto científico interessante, estudando a **incidência de EQM em cegos**, sobretudo aos que não tiveram nenhum vislumbre de luz pelo prazo de dez anos. Aqueles que vivenciaram a EQM foram capazes de **descrever, com detalhes**, como as pessoas estavam vestidas, a cor das roupas, o modelo e assim por diante (grifei) (Nobre 2010, 27).

E continua a autora, nos seus relatos, quanto às conclusões a que chegaram os pesquisadores de EQM, em especial no artigo científico publicado em 2001 na conceituada revista *The Lancet*:

“Na apresentação do seu trabalho científico, o dr. Pim Ban Lommel destacou os comentários de outros investigadores a respeito dos pontos mais polêmicos da EQM (NDE), como por exemplo, a localização da consciência e da memória no ser humano.

5. Marlene Rossi Severino Nobre (1937-2015). Médica ginecologista. Uma das principais palestrantes, escritoras e conferencistas espíritas do mundo.

6. Raymond Moody Jr. é psiquiatra, psicólogo, parapsicólogo e filósofo natural de Porterdale, Geórgia, Estados Unidos.





Não se espera
que a humanidade
se torne espírita,
mas que a espiritualidade
faça parte da humanidade

7. No site da Federação Espírita Brasileira há um repositório digital Artigos Científicos e Dissertações e Teses independentes de diversos autores, disponíveis nos caminhos: <https://www.febnet.org.br/portal/2019/07/16/artigo-cientificos/> e <https://www.febnet.org.br/portal/2019/07/16/dissertacoes-e-teses/>



Greyson – destaca Lommel – também escreve em sua discussão: “nenhum modelo fisiológico ou psicológico em si explica todas as características comuns das EQMs (NEDs). A ocorrência paradoxal dos processos mentais lógicos, com lúcida percepção e fortalecidos, durante o período de aspersão cerebral desequilibrada suscita questões de particular **perplexidade** para a nossa compreensão da consciência e sua relação com o funcionamento do cérebro. Durante o período de morte clínica aparente, o fato de o sensório permanecer claro e permitir processos de percepção complexos **desafia o conceito de que a consciência está localizada exclusivamente no cérebro**”.

Dr. Lommel relembra ainda os argumentos de Parnia e Fenwick, pesquisadores do Reino Unido, quanto ao fato de que uma EQM (NDE) surge durante o período de inconsciência, isto é, quando o cérebro se encontra disfuncional, em estado de coma profundo, e as estruturas cerebrais que dão respaldo à experiência subjetiva e à memória, estão severamente prejudicadas (grifei) (Nobre 2010, 34).

Pesquisas científicas como as aqui exemplificadas, em que as “estruturas cerebrais que dão respaldo à experiência subjetiva e à memória, estão severamente prejudicadas” enquanto os indivíduos assimilavam experiências extracorpóreas complexas, conduzem à conclusão de que o paciente, liberto parcialmente do corpo em coma, recobra sua plena capacidade cognitiva e sensorial, sente emoções, ou seja, permanece vivo! Está comprovada a sobrevivência do espírito, sua vida pujante e plena, a certeza dos reencontros com entes queridos, a certeza de um outro mundo!

Comprovada cientificamente, a sobrevivência do espírito à morte deixa

de estar afeita apenas às religiões e adentra o campo científico.

Emergem pesquisas comprobatórias da veracidade das obras escritas pelos espíritos por via mediúnica, os casos sugestivos de reencarnação catalogados, as pesquisas sobre o poder da transmissão de energia e da oração, dentre outros⁷. Entretanto, é necessário que mais pesquisas venham, para que esse saber se universalize, chegue ao conhecimento comum e, finalmente, aos sistemas educacionais.

Tais verdades, quando comprovadas pela ciência, abrirão as portas à educação transpessoal, em que cada educando passará a ser compreendido em sua integralidade biopsicossocial e espiritual, permitindo que o cultivo dos valores cristãos e a certeza da vida espiritual façam parte da proposta educacional em suas diversas etapas:

- No lar, na educação dos filhos
- No ambiente escolar, na educação das crianças e jovens
- Na formação acadêmica das diversas áreas do conhecimento.

Não se espera que a humanidade se torne espírita, mas que a espiritualidade faça parte da humanidade, e urge que seja logo, conforme nos asseveram os espíritos, na questão 627, de *O Livro dos Espíritos*:

“Faz-se mister agora que a verdade se torne inteligível **para todo mundo**. Muito necessário é que aquelas leis sejam **explicadas e desenvolvidas**, tão poucos são os que as compreendem e ainda menos os que as praticam. [...] O ensino dos Espíritos tem que ser **claro e sem equívocos**, para que ninguém possa pretextar ignorância e para que todos o possam julgar e apreciar com a razão” (grifei) (Kardec, 2013, 340).

A Eficiência inspirada no amor

Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, traz relevante reflexão acerca da difusão da realidade espiritual ao questionar:

“Que importa crer na existência dos Espíritos, se essa crença não torna melhor o homem, mais benevolente e mais indulgente para com os seus semelhantes, mais humilde e mais paciente na adversidade?” (Kardec 1994, 433).

Com essa colocação, o codificador registra que a educação transpessoal só se efetiva quando acompanhada do Amor, aqui entendido como a energia amorosa inerente aos filhos de Deus, cujo cultivo define o seu nível evolutivo.

O amor indica o reto caminho, o reto viver, o reto sentir, é a luz que direciona corretamente todo o conhecimento, toda a intenção, toda a ação humana, dignificando-as.

Com amor, se edifica. Sem amor, se destrói.

Desprezar tal energia é esvaziar-se intimamente, dando vez aos vícios da alma que empurram o homem aos desregramentos de toda ordem.

Krishnamurti⁸, ao dissertar sobre a educação e o significado da vida, apresenta idêntica visão, ao dizer:

“...há uma **eficiência inspirada pelo amor**, que leva muito mais longe, que é bem superior à eficiência da ambição; e sem o amor, que traz a compreensão integral da vida, a eficiência gera a crueldade, [...] o homem que sabe dividir o átomo, mas não tem amor no coração, transforma-se num monstro” (grifei) (Krishnamurti 2014, 8).

8. Krishnamurti (1895-1986) foi um filósofo indiano, escritor, orador e educador, considerado um dos maiores pensadores e professores de todos os tempos, suas ideias não se filiavam a nenhuma filosofia ou religião específica.



O amor
indica
o reto caminho,
o reto viver,
o reto sentir

“

A eficaz educação transpessoal é aquela que promove a razão direcionada ao justo e bom, por ter como aliadas a ciência que comprova e o amor que ilumina

O conhecimento das verdades trazidas pelo Cristo ou por seus emissários nas diversas culturas da Terra, não impediu ao homem a imposição cruel de seu modo de crer através das guerras santas, seja desprezando, seja exterminando os considerados infiéis. São conhecedores dos livros sagrados, mas vazios do amor.

No âmbito individual, o mundo tecnologicamente avançado vê a humanidade orgulhosa e egoísta cair nos abismos escuros do desamor por si, pelo outro, pela vida. Sabem, sem refletir sobre esse saber, o têm no cérebro, mas não no coração.

Por isso a importância de o educador – principal peça nesse processo, viver as verdades que apresentará aos educandos. Aliado ao seu conhecimento profissional, precisará estar no processo de amar-se, amar a proposta educativa e amar os educandos, pois a metodologia da educação transpessoal nunca se valerá da imposição. Ela é um convite, uma proposta amorosa para que os educandos, durante o processo de aprendizagem, percebam-se e reflitam sobre si mesmos, suas condutas e conflitos, e sobre as verdades espirituais e seus reflexos em suas vidas.

Conclui-se, portanto, que a educação transpessoal eficiente, aquela que se credencia a colaborar para que “a verdade se torne inteligível para todo mundo” (Kardec 2013, 340) é a que busca promover a razão direcionada ao justo e bom, tendo como aliadas a ciência que comprova e o amor que ilumina.

Porque a melhor técnica é o amor.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA ONLINE: Versão ACF - Almeida Corrigida Fiel em Português. Formato Digital. Disponível em <https://bibliaestudos.com/acf/>. [Acesso em 10 de abril de 2021].

FILHO, Alírio de C. 2021. *O Método Reflexivo Consciencial – Um método para refletir sobre as Leis Divinas*. Cuiabá: Spiritizar Editora.

KARDEC, Allan. 1944. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, Allan. 1944. *O Livro dos Médiuns*. 44ª edição. Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, Allan. 1991. *O Céu e o Inferno*. 2ª edição. São Paulo: Editora IDE.

KARDEC, Allan. 2013. *O Livro dos Espíritos*. 93ª edição. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 2021. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB.

KRISHNAMURTI, Jiddu. 2014. *A Educação e o Significado da Vida*. Edição do Kindle.

NOBRE, Marlene. 2010. *Nossa Vida no Além*. 9ª edição. São Paulo: FE Editora jornalística.

NOGUEIRA, Adriana T. 2018. *A Psicologia Transpessoal da vida cotidiana: Nas entrelinhas da "normalidade"*. Edição do Kindle.

XAVIER, Francisco C. 1977. *Missionários da Luz*. Brasília: FEB.





“

Imenso iceberg
que, desconhecendo
o seu poder,
permanece submerso
sob a força do ego
congelado que
reina sobre as águas

”

Espiritismo & Filosofia



***Artur Valadares**, engenheiro e analista de dados, expositor espírita e um dos fundadores e coordenadores do NEPE Paulo de Tarso, em São Carlos/SP, Brasil.

ARTUR VALADARES*

A

Pluralidade das Existências e a

Lógica em
Karddec



Resumo

A partir de um estudo de Kardec sobre a pluralidade das existências, ou reencarnação, faz-se uma análise em torno de um método de raciocínio lógico muito utilizado pelo Codificador durante a estruturação da Doutrina dos Espíritos, destacando a sua importância para a compreensão do método kardequiano e do próprio processo de análise e construção do conhecimento espírita.

Palavras-chave pluralidade das existências, reencarnação, lógica, justiça, atributos de Deus.



Em interessante artigo na *Revista Espírita* de novembro de 1858, intitulado “Pluralidade das existências corpóreas”, Kardec tece considerações muito pertinentes acerca da reencarnação, à época considerada uma doutrina ainda controversa no contexto do Espiritismo nascente.

Demonstrando uma grande honestidade intelectual, característica daqueles que sinceramente buscam a Verdade, o Codificador menciona que o conceito de reencarnação ensinado pelos Espíritos, a princípio, o “surpreendeu profundamente”¹, a ponto de contrariá-lo, por ser muito diverso das ideias que ele próprio possuía a respeito da anterioridade da alma.

Um dos aspectos mais interessantes do artigo, no entanto, se dá quando Kardec levanta uma série de questões a partir da consideração hipotética de que a reencarnação realmente não existisse e de que cada alma fosse então criada por ocasião do nascimento. Esses questionamentos, como veremos, farão parte de um método mais amplo e muito importante, do qual Kardec muitas vezes se serviria em seus textos e argumentações.

1. Ver Kardec, “Revista Espírita”, 407.

“O mestre Lionês recorre a um método muito utilizado pela Lógica, denominado método da negação ou da redução ao absurdo

Entre as perguntas, encontramos algumas como: a) “Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das ideias que a educação lhe fez adquirir?”²; b) “Donde, em certas crianças, o instinto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza, contrastando com o meio em que nasceram?”³

Além dessas, mais diretamente associadas ao passado e ao presente da alma, ele também enumera algumas perguntas que dizem respeito ao seu futuro, como, por exemplo: “Que sorte aguarda os que morrem na infância, quando ainda não puderam fazer nem o bem, nem o mal? Se vão para o meio dos eleitos, por que esse favor, sem que coisa alguma hajam feito para merecê-lo? Em virtude de que privilégio eles se veem isentos das tribulações da vida?”⁴

Como se pode constatar, perguntas bastante pertinentes quando analisamos o quadro geral da Humanidade, assim como as possibilidades, do ponto de vista filosófico, para o futuro do ser.

Seguindo em sua argumentação, Kardec recorre então à lógica mais apurada, definindo as possíveis conclusões a que se chega, ainda considerando a hipótese de apenas uma existência corpórea: ou as almas são iguais ao nascerem ou são desiguais. No primeiro caso, por que a diferença tão marcante entre as aptidões? Agora, se são desiguais, é que Deus as fez assim; seria Deus, então, justo e imparcial, como se esperaria do Criador?

2. Ibidem, 412

3. Ibidem

4. Ibidem, 414-415.

“Por que
mostra a alma
aptidões tão diversas
e independentes das
ideias que a educação
lhe fez adquirir?

A person in a dark suit stands on a curved glass walkway overlooking a city at sunset. The sky is a mix of purple, pink, and orange. The city below is illuminated with warm lights. The walkway is curved and has a glass railing. The overall scene is dramatic and scenic.

“ Se,
portanto, o homem
tem errado tantas vezes,
é unicamente por não
ter seguido o roteiro que
lhe estava indicado



**Que não nos afastemos
nunca dessa lucidez e dessa
lógica que transparecem do
pensamento e da obra do
inolvidável fundador do Espiritismo**

Notamos, desse modo, que o mestre lionês recorre a um método muito utilizado pela Lógica, denominado método da negação ou da redução ao absurdo, no qual, resumidamente, se realiza uma suposição e, a partir dela, algumas deduções. Se as deduções forem contraditórias ou absurdas, então a suposição apresentada inicialmente é falsa. Neste caso, Kardec quer nos levar a compreender que, supondo a inexistência da reencarnação, somos levados a contradições em torno do próprio Criador e de suas Leis.

Para acompanhar o raciocínio de Kardec, no entanto, é preciso compreender um elemento-chave do qual ele se utiliza justamente como critério para demonstrar que as deduções, a partir daquela suposição inicial, seriam contraditórias ou absurdas. Precisamos resgatar um tema que seria por ele desenvolvido mais tarde, no livro *A Gênese*, mas que já havia estado presente ao longo de toda a sua obra. Trata-se do estudo sobre a natureza de Deus e, em especial, sobre os seus atributos. Vejamos o que ele diz a respeito:

“Deus é, pois, a inteligência suprema e soberana, é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições, e não poderia ser outra coisa.

Tal o eixo sobre o qual repousa o edifício universal, o farol cujos raios se estendem sobre o universo inteiro, única luz capaz de guiar o homem na procura da verdade. Orientando-se por essa luz, ele nunca se transviará. Se, portanto, o homem tem errado tantas vezes, é unicamente por não ter seguido o roteiro que lhe estava indicado” (Kardec 2013, cap. 2, it. 19).

Analisando mais a fundo a obra da Codificação, poderemos perceber o quanto Kardec se serviu desse eixo universal ou dessa luz para analisar as mais diferentes ideias, teorias e conceitos, oriundos ou não do mundo espiritual, a fim de compor a Doutrina Espírita em bases sólidas e seguras. Foi realmente uma peça-chave.

Em excepcional e norteadora síntese, ele ainda acrescenta:

“Tal também o critério infalível de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. Para apreciá-las, o homem dispõe de uma medida rigorosamente exata nos atributos de Deus e pode afirmar com certeza que toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que estiver em contradição com um só que seja desses atributos, que tenda não só a anulá-lo, mas simplesmente a diminuí-lo, não pode estar com a verdade” (Kardec 2013, cap. 2, it. 19).

O apóstolo Tiago, em sua epístola, diria algo similar: “Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação” (Tiago 1:17). Em Deus, portanto, não há mudança ou sombra de variação, isto é, tanto Ele quanto seus atributos são invariáveis, perfeitos e não contraditórios, sendo portanto um critério infalível, em todos os tempos, para a análise de qualquer aspecto da Criação.

É claro que não temos a pretensão, por ora, de compreender toda a natureza íntima de Deus. Faltam-nos até sentidos⁵ para isso, como nos esclarecem os Espíritos na questão nº 10 de *O Livro dos Espíritos*. Contudo, Kardec afirma de maneira magistral: “Não sabemos tudo o que ele é, mas sabemos o que ele não pode deixar de ser” (Kardec 2017, q. 16). Sendo assim, a partir do que já podemos conhecer de Deus, temos uma série de critérios que nos permitem discernir se uma doutrina, ideia ou teoria se afasta da Verdade, à medida que nega ou simplesmente diminui um dos atributos do Criador.

No caso em questão, portanto, Kardec toma os atributos de Deus como referência – mais especificamente, o atributo da soberana justiça –, para concluir que na ausência da reencarnação chegaríamos a uma negação ou diminuição desses atributos e, assim, a um absurdo, indicando que a suposição inicial, de que não há reencarnação, é falsa.

5. Ver Kardec, “O Livro dos Espíritos”, q. 10.



Toda

a boa dádiva
e todo o dom perfeito
vem do alto,
descendo do Pai das luzes, em
quem não há mudança nem
sombra de variação



“Tal o eixo
sobre o qual repousa
o edifício universal, o farol
cujos raios se estendem
sobre o universo inteiro,
única luz capaz de guiar o
homem na procura da
verdade

Por esse motivo, os próprios Espíritos, em consonância com esse método, quando indagados pelo Codificador acerca do que fundamenta a realidade da reencarnação, na questão de nº 171 de *O Livro dos Espíritos*, responderão: “Na justiça de Deus e na revelação” (Kardec 2017, q. 171). Isso significa dizer que, além das revelações dos próprios Espíritos sobre a reencarnação, submetidas ao Controle Universal do Ensino dos Espíritos⁶, o atributo da justiça de Deus era o elemento mais fundamental para assegurar a Verdade desta doutrina, uma vez que supondo a ausência da reencarnação fatalmente chegaríamos a uma contradição ou negação desse atributo. Foi assim que o próprio Kardec chegou a se convencer.

6. Ver Kardec, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Introd., II.

Tomamos esse caso do estudo de Kardec sobre o tema da pluralidade das existências para ilustrar, em plano mais geral, a importância desse método de raciocínio utilizado pelo Codificador, com base na lógica e nos atributos de Deus, o qual foi, e ainda segue sendo, na construção do conhecimento espírita, um verdadeiro eixo central, um pilar fundamental para nossas análises, estudos e conclusões. Que não nos afastemos nunca dessa lucidez e dessa lógica que transparecem do pensamento e da obra do inolvidável fundador do Espiritismo, e teremos mais segurança de estarmos trilhando bons caminhos na busca da Verdade e do progresso espiritual.

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan. 2014. “Pluralidade das existências corpóreas”. *Revista Espírita*. Brasília: FEB. [Ano I, N. 11 (nov. 1858): 406-415]. Kindle.

KARDEC, Allan. 2013. *A Gênese*. Brasília: FEB. Kindle.

KARDEC, Allan. 2013a. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB. Kindle.

KARDEC, Allan. 2017. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB. Kindle.

Fé Inabalável

Espiritismo & Religião



***Aluizio Elias**
Colaborador do Grupo Espírita Eurípedes
Barsanulfo de Uberaba/Minas Gerais/
Brasil.



ALUIZIO ELIAS*



OS

Embaraços

Cármicos e

as **Fortunas**

Malsãs



Resumo

O presente artigo aborda a noção espiritista de Pluralidade das existências por meio de uma análise de caso. O texto apresenta e comenta a trajetória reencarnatória de Antero de Oviedo (Robbie Vilamil) em duas existências subsequentes narradas no romance *Renúncia*; autoria de Emmanuel e psicografia de Chico Xavier. O propósito do artigo ao trazer essa literatura para o seu eixo analítico é evidenciar os embaraços cármicos decorrentes da fortuna malsã, construída às custas do sofrimento alheio.

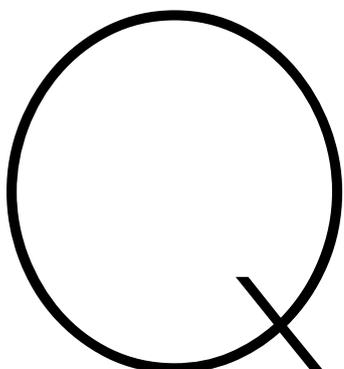


**O céu e a terra não
passarão até que seja
pago o último centil**

Photo by Julian Mora on Unsplash

Palavras-chave Reencarnação, Resgate cármico, Usura, Escravidão.





Quando o Cristo, em Mateus 19:24¹, afirma que “é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino de Deus”, está assinalando os desafios espirituais que a experiência no plano físico, vivida em meio ao dinheiro e ao conforto, podem impor a qualquer reencarnante. Certos relatos do plano espiritu-

al confirmam os pressupostos dessa passagem bíblica e cuidam de problematizar a relação que nós encarnados mantemos com os bens materiais que a fortuna pode comprar. Dentre as narrativas que abordam esse assunto e mais nos impressionam, destacamos a vida de Antero de Oviedo, personagem do livro *Renúncia* de Emmanuel, psicografado por Chico Xavier. Antero, um afeto agregado da família Vilamil, cumpre na trama a função de malfeitor perseguidor do casal Madalena e Cirilo. Os leitores de *Renúncia*, frequentemente, se lembram desse personagem por ser ele o mentor intelectual do plano que separou em vida física os pais da heroína Alcione.

Contudo, em nosso texto, observaremos a tragédia espiritual de Antero por outro ângulo. Atentaremos para sua relação com os bens materiais, seu apreço por todo tipo de luxo. No rastro desse compromisso com a “boa vida” (o comer e o beber bem, o morar bem, o vestir-se bem), inevitavelmente, identificaremos o imperativo pessoal que o motivava a encontrar os meios, ainda que desumanos e/ou desonestos, para acumular o capital que viesse a financiar seu estilo de vida faustoso. Afinal, Antero era um *bon vivant* com singular talento para o mundo dos negócios.

Importa lembrar que o capitalismo, em sua manifestação primordial, podia ser definido como uma forma de mercantilismo intercontinental. A burguesia europeia obtinha lucros aviltantes com a negociação de víveres e artigos exóticos obtidos na África, América e Ásia. Nesse mesmo fluxo de mercadorias pelos oceanos, também se encontrava o comércio macabro de pessoas escravizadas. Antero de Oviedo ergueu seu patrimônio com o comércio de negros e índios aprisionados na África e na Ásia, transformados em mercadoria cativa.

1. Dias, “O Novo Testamento”..

Vejam os momentos em que Federigo Izaza, espanhol experiente no comércio triangular entre América, África e Europa, lhe propõe investimentos ligados ao tráfico escravagista.

“Antero confessou o intuito de mobilizar os capitais trazidos da França, na perspectiva de bons negócios. Izaza, sem que ele percebesse, tem estranho brilho nos olhos argutos e exclama:

— Pois veja que feliz acaso nos aproxima! É que tenho justamente em mãos o melhor negócio dos últimos tempos.

— Como assim? — interroga o rapaz, curioso.

— Conheces o mercado de escravos para as colônias estrangeiras?

Em face da atitude de estranheza do interlocutor, Federigo prosseguiu animadamente:

— É a negociação mais rendosa nos tempos que correm. Como não ignoras, o novo Continente necessita do braço escravo. Os emigrantes da Europa não poderiam atacar, sozinhos, o desbravamento do solo. As epidemias, as dificuldades, as florestas inóspitas, destruiriam os organismos delicados e, com alguns navios e poucos homens de confiança, é possível obter uma fonte de lucros opimos, com esforço quase insignificante.

— Mas... como? — inquiriu o outro.

— Bastam algumas naus corajosas que visitem periodicamente a Costa d'África.

— Apenas isso?

— Nada mais. A troca de pequeninas bugigangas, conseguimos elevado número de selvagens que, sem embargo do cativo, passam a gozar os benefícios da civilização. De modo que — explicava Izaza na atitude egoísta do homem que deseja mascarar propósitos execráveis — além de vingarmos transações lucrativas, ainda espalhamos numerosos benefícios entre os negros bárbaros, de costumes primitivos. [...] Acredito que chegas à Espanha em momento azado aos teus interesses, porquanto eu e meus irmãos necessitamos de um sócio capitalista para incremento de grandes iniciativas. Dispondo apenas de um navio, temos perdido ótimas oportunidades nos mercados mais rendosos. As colônias inglesas, francesas e portuguesas são grandes centros de consumo.

E o astuto amigo passava a minudenciar e encarecer a importância de lucros tão fáceis, seduzindo o companheiro para o risco das largas aventuras. As palestras renovavam-se durante toda a viagem, e, quando desembarcaram em Valência, Antero de Oviedo já estava convencido das vantagens do tráfico negro, decidido a entrar na empresa com todos os recursos disponíveis” (Xavier 2006, 88-9.)



São muitos os perigos
morais aos quais a alma
está submetida quando
se encontra fascinada
pelo conforto



O indivíduo

magnetizado pelo luxo se
torna um escravo
da própria demanda
de consumo

São muitos os perigos morais aos quais a alma está submetida quando se encontra fascinada pelo conforto. Primeiro porque custear a “boa vida” implica, na melhor hipótese, tornar o trabalho empresarial, ou a carreira profissional, uma prioridade absoluta, em detrimento das relações pessoais. O indivíduo magnetizado pelo luxo se torna um escravo da própria demanda de consumo; submete-se à lei humana que vincula a quantidade de capital ao nível de comprometimento com o trabalho remunerado. O caso se torna crítico quando a dependência em torno do dinheiro adoece psiquicamente o homem ao ponto de sua percepção do que é ético ficar comprometida. O gosto demasiado pelo consumo de coisas caras prejudica os valores humanos, os laços de solidariedade se afrouxam e o próximo, pouco a pouco, se torna degrau a ser pisado, ou manipulado, por aquele que almeja a ascensão socioeconômica a todo custo.

Além da desumanização do outro (o escravo, o servo, o funcionário), sempre visto como mão-de-obra, ou consumidor de bens e serviços, o homem sensualista, fascinado pelos deleites que o dinheiro garante, perde o bom senso, a prudência, o equilíbrio das emoções e passa a agir sob o constrangimento de forças difusas. Explora e é explorado; fascina e é fascinado em nome de extravagâncias que ele propõe como necessárias. Antero “empregou a maior parte da fortuna nas aventuras do tráfico negreiro”, segundo a expectativa de

lucro fácil e farto, sem cogitar quanto sangue e quantas lágrimas eram derramados para que a riqueza lhe chegasse às mãos.

A sede pelo dinheiro era tal que ele acabou “assinando compromissos de vulto com agiotas e financistas astuciosos e inflexíveis” até se ver irremediavelmente comprometido com o mercantilismo da época. A contrapartida era buscada por ele nas “noitadas alegres, cheias de prazeres e de vinhos caros”. Mesmo em suas relações familiares “não comentava senão as vantagens do ouro fácil”. O certo é que, a certa altura, “havia muito dinheiro para os divertimentos licenciosos”.

Os recursos surgiam e fomentavam os valores que o conforto exigia até que, inevitavelmente, a fonte se esgotou. Antero começou a não honrar seus compromissos financeiros; o soberbo estilo de vida custava mais dinheiro do que os empreendimentos podiam lhe prover. O crédito na praça postergou a *banca rota* por um tempo. No entanto, a conta dos seus excessos chegou e, em um dado momento, “os credores de D. Antero iam todos reclamar o pagamento de suas dívidas a um só tempo”. Com a falência de sua empresa e o confisco de todos os bens, “Antero de Oviedo aparecera morto, em Madrid, junto à Porta de Toledo”. Muitos comentavam que o jovem empresário “havia preferido o suicídio à ignomínia do cárcere”. O que Emmanuel passa a narrar, a partir de então, é típico em circunstâncias análogas à de Antero. Após o trágico desencarne, ele se

reconheceu “em região de sombras compactas”, reparando “com lágrimas de compunção a inconsciência de outrora”. Queria ouvir voz humana, libertar-se daquele silêncio constrangedor, mas ocasionalmente tinha a impressão de estar ouvindo “ruídos confusos de gargalhadas escarninhas, deixando-o quase convicto de estar sendo espreitado por inimigos intangíveis”.

Emmanuel apresenta a lamentável situação de Oviedo ao descrever que:

“Atemorizavam-no as reminiscências concernentes ao comércio e tráfico escravista. Revia as cenas torpes das embarcações negreiras, nas raras vezes que as visitara ao largo da costa africana. E ouvia as lamentações e o praguejo dos que se viam obrigados à separação dos entes queridos. Tudo lhe aflorava à mente dolorida, com prodigiosa vivacidade e nitidez. [...] Tremia, chorava, aniquilava-se dentro da sua imensa dor. Todavia, o fato que mais o impressionava era ter a destra mirrada e um dos pés ressequido! A treva impedia-lhe a visão, mas, de quando em quando, pelo tato, com sensações dolorosas, ia compreendendo a singular anomalia” (Xavier 2006, 111).

Quando os tormentos na erraticidade completavam dois anos, o negociante imprevidente orou de forma comovente, pedindo a Deus “uma esmola de luz no seio das trevas que o envolviam”. A resposta às suas súplicas veio através de uma visita. Dona Margarida Vilamil, sua mãe espiritual, surgiu oferecendo o colo consolador. A matriarca dos Vilamil propõe um questionamento consciencial ao perguntar-lhe: “Já refletiste nos resultados da empresa que tentaste no mundo?”. Margarida, então, fala para Antero sobre a reencarnação como oportunidade ímpar de reparação e apuro da personalidade. Ela explica a ele que:

“O corpo carnal é tenda preciosa, na qual podemos corrigir ou engrandecer a alma, apagar as nódoas do passado obscuro, ou desenvolver asas divinas, por nos liberarmos a pleno espaço em busca dos mundos superiores. [...] O perdão do Pai, ao lavrador ocioso, está na repetição anual da época do plantio” (Xavier 2006, 112).

Dona Margarida, consolidando a sentença pedagógica, expôs a ele as condições cármicas que lhe possibilitariam a remissão dos seus débitos com a humanidade:

“

O homem
sensualista,
fascinado pelos deleites
que o dinheiro garante,
perde o bom senso,
a prudência, o equilíbrio
das emoções



“Não terás a beleza física de outros tempos, nem a liberdade plena de movimentos, mesmo porque regressarás ao mundo para um esforço de cura; todavia, se bem souberes renunciar aos teus caprichos, ao terminar as futuras provas estarás reintegrado na harmonia espiritual, para prosseguimento de novas tarefas evolutivas, na carne ou fora dela” (Xavier 2006, 113).

Um ano após esse encontro nascia o primogênito de Dolores e João de Deus, casal de negros cativos da poderosa família Estigarribias. O corpinho da criança revelava certas peculiaridades; além de problemas nos olhos, a criancinha tinha os pés “tortos e retraídos” e as mãos “apresentavam apenas dois dedos”. Porque Dom Alfonso Estigarribias “não admitia a existência de aleijados em seus domínios” exigiu-se que a criança fosse dada em adoção. Coube a Madalena e Alcione Vilamil, noutro tempo tão prejudicadas pelos atos infelizes de Antero de Oviedo, a tutela do bebezinho batizado com o nome de Robbie. O menino deficiente, pobre e filho de escravos, era a reencarnação de Antero, o ambicioso apresador e

negociante de negros. Um coração em condição compulsória de resgate cármico que agora seria educado pela mesma família que um dia ele tanto fizera sofrer.

No mundo moderno/contemporâneo, regido pelas práticas economicistas, não temos mais escravocratas de carreira. Contudo, a exploração de seres humanos e das riquezas naturais dos países chamados periféricos permanece; movimentada por marcas famosas e CEOs ovacionados. Grandes fortunas do mundo globalizado se ergueram, e ainda se mantêm, assentadas sobre a miséria das populações mais pobres. Os países e famílias que controlam o mercado internacional se valem da miséria alheia, remunerando mal os desvalidos da África e extraíndo de forma não-sustentável os benefícios do solo e do subsolo. A República Democrática do Congo, por exemplo, fornece grande parte do lítio que usamos nas baterias de nossos *smartphones*. Mas poucos de nós sabem que a ganância em torno do lítio mora longe do Congo, em outros continentes, e tem sido favorecida pela guerra civil que espalha sofrimento e mata tantos congolese diariamente.

“

Podemos corrigir ou engrandecer a alma, apagar as nódoas do passado obscuro, ou desenvolver asas divinas, por nos **liberarmos**

Mas quem lucra com isso? Quais empresas e empresários? Ou melhor dizendo, quanto eu mesmo acabo sendo beneficiado por isso? Afinal, o meu acesso a esses mimos tecnológicos que utilizam o lítio em suas baterias acaba pesando sobre os ombros de homens, mulheres e crianças oprimidos pelas injustas regras do mundo capitalista. Ficamos, portanto, a cismar: Quantos senhores do comércio escravagista do Colonialismo Clássico do século XVI reencarnaram, posteriormente, repetindo os mesmos erros na posição daqueles que exploraram a África neocolonial do século XIX? Também pensamos: Quantos reis europeus que parasitaram a África neocolonial estão hoje reencarnados na posição de mega empresários que se enriquecem com a exploração desse mesmo continente? Ainda não é descabido considerar que outros tantos escravocratas do século XVI, também exploradores do século XIX, se encontram reencarnados na África atual, vivendo na pobreza que um dia ajudaram a espalhar. Não seriam, hoje, algumas daquelas crianças em situação de penúria que aparecem nos nossos noticiários internacionais os que escravizaram no século XVI e exploraram no século XIX?

Questionamos, por fim, isso: Em que circunstâncias cármicas dolorosas a reencarnação situará cada um desses grandes senhores do dinheiro, os barões da fortuna contemporânea, de modo que os mesmos consigam se libertar do cativeiro de Mamom?! Que processos educativos os redimirá? Pois, seja pela dor, seja pelo trabalho humanitário, uma coisa é inevitável... "O céu e a terra não passarão até que seja pago o último centil" (Mateus 24:35)².

2. Dias, "O Novo Testamento".

BIBLIOGRAFIA

DIAS, Haroldo Dutra. 2013. *O Novo Testamento*. Brasília: FEB.

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 2006. *Renúncia*. Brasília: FEB.



O perdãõ do Pai,
ao lavrador ocioso, está
na repetição
anual da época
do plantio



Revisitando

Questões de **Espiritismo** **Legal**

(Revista Espírita - outubro de 1858)

SÍLVIA ALMEIDA*



Revista Espírita



* **Silvia Almeida** Membro da associação No Invisível – Estudos e Divulgação Espírita, Lisboa – Portugal e colaboradora da Federação Espírita Portuguesa e da Área de Comunicação Espírita do CEI.



Resumo

O presente texto apresenta e comenta a reprodução que Allan Kardec faz na *Revista Espírita* de outubro de 1858, de um artigo publicado no periódico parisiense *La Presse*, em agosto desse mesmo ano. No artigo, reproduzido por Kardec, um advogado da Corte Imperial, certamente um estudioso do Espiritismo e leitor da *Revista Espírita*, descreve diversos fenômenos de efeitos físicos ocorridos em França e o seu enquadramento legal, nomeadamente a forma como foram apreciados pela Justiça. Simultaneamente, disserta sobre as explicações desses fenômenos, à luz da Doutrina Espírita.



Um parisiense leu num jornal que um velho castelo estava à venda nos Pirenéus: comprou-o e desde os primeiros dias da primavera lá se foi instalar com seus amigos



Et. Carjat.



Frederic Moreau

Como tem sido abundantemente repetido, a *Revista Espírita* de Allan Kardec constituía um espaço de exposição doutrinária, algumas vezes um “tubo de ensaio” de alguma teoria ou hipótese, outras vezes era um espaço de esclarecimento sobre determinados aspetos da Doutrina em formação não ainda totalmente compilada, outras vezes, ainda, local de resposta à extensa correspondência recebida e espaço de divulgação e partilha com todos os seguidores, estudiosos ou simplesmente curiosos que se interessavam pela nova Doutrina. O artigo sobre o qual aqui nos debruçaremos enquadra-se neste último caso: trata-se da partilha com os adeptos, de um texto publicado num outro periódico parisiense, *La Presse* (em 2 de agosto de 1858) que Kardec achou de interesse divulgar num meio de comunicação eminentemente espírita. Não acrescentou os seus comentários, provavelmente porque o próprio autor do artigo reproduzido o fizera com eloquência e espíritosidade, razão pela qual, de resto, o próprio Kardec explica ter optado pela transcrição direta para não “descolorir a narração do espírituoso escritor”¹.

Essa narração transcrita na *Revista Espírita* fora em primeira mão publicada no referido jornal parisiense, numa rubrica intitulada “Courrier du Palais”, assinada por Frédéric Thomas², advogado na Corte Imperial. Trata-se de um curioso artigo no qual o autor relata diversos factos espíritas ocorridos em diferentes épocas e localidades, fazendo um conjunto de considerações em torno do enquadramento legal das ocorrências, com as quais poderá ter contactado a partir do acesso à jurisprudência que a sua profissão facilitaria.

É assim que, através destes seus relatos, verificamos não só a sua familiaridade com as explicações espíritas para os fenómenos chamados de efeitos físicos, como também o seu sentido crítico relativamente ao facto desses fenómenos terem implicado, em diferentes circunstâncias e momentos, processos legais que correram nos tribunais das diferentes épocas citadas – daí o título do artigo: “Questões de Espiritismo Legal”.

Passemos então diretamente para o artigo em questão, transcrito na *Revista Espírita* de outubro de 1858.

1. Kardec, “Questões de Espiritismo Legal”, in *Revista Espírita*, outubro de 1858.

2. Ver versão digital em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bp-t6k478050d/f1>.

Não sendo possível transcrever aqui o artigo todo, não quisemos, tal como Kardec, privar os leitores do tom da narração original, pelo que traremos, sempre que apropriado, transcrições do próprio texto. Diz então o autor a dado momento: "Um parisiense leu num jornal que um velho castelo estava à venda nos Pirenéus: comprou-o e desde os primeiros dias da primavera lá se foi instalar com seus amigos. Jantaram alegremente, depois foram deitar-se, mais alegres ainda. Restava passar a noite: noite num velho castelo perdido na montanha. No dia seguinte todos os convidados se levantaram de olhos desvairados e fisionomias sobressaltadas; foram encontrar seu hospedeiro e todos lhe fizeram a mesma pergunta, com ar misterioso e lúgubre: Nada vistes esta noite? "O proprietário não respondeu, tão apavorado também se achava, limitando-se a fazer um sinal afirmativo com a cabeça. Então confiaram uns aos outros as impressões da noite: um ouvira vozes lamentosas; outro ruído de correntes; este viu mover-se a tapeçaria; aquele uma arca que o saudava; vários sentiram morcegos gigantescos a lhes pousarem no peito: Era um castelo da Dama Branca. Os domésticos declararam que (...) os fantasmas lhes haviam puxado os pés. O que mais ainda? As camas passeavam, as campainhas tocavam sozinhas e palavras fulgurantes sulcavam velhas lareiras. Decididamente esse castelo não era habitável: os mais amedrontados fugiram imediatamente, enquanto os mais corajosos desafiaram a prova de uma segunda

noite. Até à meia-noite tudo correu bem; porém, quando o relógio da torre Norte lançou no espaço os seus doze soluços, as aparições e os ruídos logo recomeçaram; de todos os cantos surgiam fantasmas, monstros de olhos de fogo, dentes de crocodilo e asas felpudas: tudo isso gritava, saltava, rangia e fazia uma algazarra do inferno. Impossível resistir a essa segunda experiência. Dessa vez toda a gente deixou o castelo e hoje o proprietário quer mover uma ação por perdas e danos. Que estranho processo, esse! (...) Seja como for, já que nada há de novo sob o sol da justiça, esse processo, que talvez julgarão uma novidade, não passará de uma velharia: há um outro pendente que, nem por ter duzentos e sessenta e três anos, deixa de ser menos curioso" (Kardec 2004, 432-4).

Passa então a narrar um outro processo ocorrido em 1595 em Guienne, uma antiga província do Sudoeste francês, no qual um inquilino movia uma ação contra o seu senhorio, pelo facto de ter sido obrigado à rescisão do contrato de arrendamento, uma vez que a casa em questão, situada em Bordeaux, era inabitável. Tudo isto porque encontrara a casa "infestada de Espíritos, que ora se apresentavam sob forma de crianças, ora sob outras formas terríveis e apavorantes, e que oprimiam e inquietavam as pessoas, remexiam os móveis, provocavam ruídos e algazarras por todos os lados e, com força e violência, derrubavam das camas aqueles que nelas repousavam" (Kardec 2004, 434).

29^e année. — 1856. EN NUMÉRO 45 CENTIMES

LA PRESSE.

Lundi soir 2 août EN NUMÉRO 45 CENTIMES

ADMINISTRATEUR: M. L. B. ...

ÉVÉNEMENTS DE LA PRESSE

29 août 1856

COURRIER DU PALAIS.

1856.

Le 29 août 1856, jour de la rentrée des juges, pour la première fois, nous avons vu nos magistrats, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance...

Le 29 août 1856, jour de la rentrée des juges, pour la première fois, nous avons vu nos magistrats, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance...

Le 29 août 1856, jour de la rentrée des juges, pour la première fois, nous avons vu nos magistrats, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance...

Le 29 août 1856, jour de la rentrée des juges, pour la première fois, nous avons vu nos magistrats, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance...

Le 29 août 1856, jour de la rentrée des juges, pour la première fois, nous avons vu nos magistrats, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance...

Le 29 août 1856, jour de la rentrée des juges, pour la première fois, nous avons vu nos magistrats, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance...

Le 29 août 1856, jour de la rentrée des juges, pour la première fois, nous avons vu nos magistrats, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance...

Le 29 août 1856, jour de la rentrée des juges, pour la première fois, nous avons vu nos magistrats, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance...

Le 29 août 1856, jour de la rentrée des juges, pour la première fois, nous avons vu nos magistrats, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance...

Le 29 août 1856, jour de la rentrée des juges, pour la première fois, nous avons vu nos magistrats, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance...

Le 29 août 1856, jour de la rentrée des juges, pour la première fois, nous avons vu nos magistrats, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance...

Le 29 août 1856, jour de la rentrée des juges, pour la première fois, nous avons vu nos magistrats, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance, l'ordre de préséance...

Mais curiosos ainda são os termos da resposta por parte do senhorio: "...provavelmente não tendes senão o que mereceis e, longe de me censurar, deveríeis, ao contrário, agradecer-me, porquanto vos faço ganhar o paraíso." E o advogado do proprietário acrescentava: "Se os Espíritos vêm atormentar Latapy e afligi-lo com a permissão de Deus, deve ele suportar a justa pena e, como São Jerónimo, dizer: *Quidquid patimur nostris peccatis meremur* [tudo quanto padecemos, merecemos por nossos pecados], e não voltar-se contra o proprietário, que é de todo inocente...". Acrescenta ainda que o arrendatário, antes de intentar a ação, havia de ter utilizado todos os meios que Deus concedeu para afastar os Espíritos, como por exemplo o loureiro, a arruda, o sal crepitante nas chamas, as penas de poupa, "couro de testa de hiena e fel de cachorro, que dizem ser de uma virtude maravilhosa para expulsar os demónios", entre outras coisas. Pelo que, ficava claro que o arrendatário faltava desse modo a todos os seus deveres. Depois desta argumentação, e apenas porque couro de testa de hiena era um ingrediente demasiadamente difícil de encontrar, o senescal de Bordeaux, isto é, o oficial encarregado de exercer a justiça na Província, desculpou o inquilino de não ter feito tudo o que lhe era exigido e decretou a rescisão do contrato de arrendamento.

"Em tudo isso, vedes que nem o proprietário, nem o locatário e nem os juizes puseram em dúvida a existência e as algazaras dos Espíritos", o que, defende o autor do artigo, do ponto de vista legal, a questão não deixa de ter o seu lado embaraçoso, pois não se encontravam previstos na lei estes

casos.

Utilizando um termo técnico, próprio da sua condição de advogado, vai depois o autor analisar o assunto do ponto de vista legal. Tratar-se-ia de um "vício redibitório?" – pergunta ele. Vício redibitório é uma figura do direito civil, que especifica a possibilidade de existência de um "vício" (defeito), do qual o comprador não poderia tomar conhecimento quando efetuou o negócio, de tal forma que torne o bem imprestável.³

E o autor apresenta então a sua análise técnica, mas também espírita, como o faria o próprio Kardec se tivesse analisado o assunto por si mesmo, razão que reforça a sua opção de não fazer comentários à transcrição apresentada na *Revista*, porque ela própria encerra os comentários e as análises possíveis em torno do assunto.

Senão vejamos: primeiro era preciso "examinar se o barulho era sério ou se não foi simulado por um interesse qualquer (...) Admitindo os factos como reais, é preciso saber se foram de natureza a perturbar o repouso. (...) de forma alguma um estranho se conformaria em viver numa casa onde constantemente se ouviam ruídos ensurdecedores, os móveis eram revirados e derrubados, as portas e janelas abriam-se e se fechavam sem qualquer motivo, os objetos eram lançados às cabeças das pessoas por mãos invisíveis, etc. Parece incontestável que, em semelhante circunstância, haveria motivo para reclamação e que, em bom direito, um tal contrato não teria validade se os factos houvessem sido dissimulados. (...) há, porém, uma importante questão subsidiária a esclarecer e somente a ciência espírita poderia levantá-la e resolvê-la. Sabemos que as mani-

3. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%ADcio_redibit%C3%B3rio



Do ponto de vista legal, a questão não deixa de ter o seu lado embaraçoso, pois não se encontravam previstos na lei estes casos

festações espontâneas dos Espíritos podem ocorrer (...) que há, efetivamente, lugares assombrados por Espíritos batedores que, parece, os teriam escolhido para fixar domicílio, e contra os quais todas as conjurações empregadas fracassaram. (...) Mas sabemos também que em uma porção de casos essas manifestações são dirigidas contra certas pessoas", o que faria, segundo o autor, com que essas pessoas levassem as perturbações consigo caso mudassem de residência, ficando aquela livre de qualquer inconveniente para ser ocupada por outra pessoa.

Do ponto de vista legal, pois, a questão a examinar seria a seguinte: "as manifestações ocorriam antes ou somente depois da entrada do novo proprietário? Neste último caso, torna-se evidente que este é que teria

levado os Espíritos perturbadores, cabendo-lhe inteira responsabilidade; se, ao contrário, as perturbações já ocorriam anteriormente e de maneira persistente, é que elas se prendiam ao próprio local e, assim, a responsabilidade seria do vendedor. O advogado do proprietário raciocinava com a primeira hipótese, não deixando de ser lógica a sua argumentação. Resta saber se o locatário tinha levado consigo esses hóspedes importunos, mas isso o processo não esclarece."

Do ponto de vista legal pois, em resumo, há que considerar em primeiro lugar que existe um embaraço, porque a lei erradamente não considerou casos como estes, em que os Espíritos tomam parte. No entanto, é possível aplicar a lei geral, colocan-

REVUE SPIRITE

JOURNAL

D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

CONTINANT

Le récit des manifestations intérieures ou intelligentes des esprits, apparitions, communications, etc., ainsi que toutes les nouvelles relatives au Spiritisme. — L'enseignement des esprits sur les choses du monde visible et de celui invisible, sur les réincarnés, la mort, l'immortalité de l'âme, la nature de l'homme et son avenir. — L'histoire du Spiritisme, ses antiquités, ses rapports avec le magnétisme et le somnambulisme; l'explication des phénomènes et croyances populaires, de la mythologie de tous les peuples, etc.

PUBLIÉ SOUS LA DIRECTION DE

M. ALLAN KARDEC.

Tout est en sa cause. Tout est intelligent
à une cause alléguée. La naissance de la
cause initiale est la raison de la grandeur
de l'effet.

1858

PARIS

BUREAU RUE DES MARTYRS, 8.

do em julgamento se a coisa arrendada era ou não defeituosa, isto é, tinha ou não alguma característica que impedisse a utilização para a qual fora requerida – e aí seria necessário saber se o problema residia na coisa se nas pessoas que a foram usar. Se na coisa, ela era efetivamente defeituosa, tendo o inquilino sido enganado quanto à qualidade da coisa arrendada e pagando por algo que não pôde efetivamente utilizar para o fim desejado, tendo todo o direito a rescindir o contrato. Se o problema era dos arrendatários, sendo perseguidos por esses fenômenos por onde quer que passassem, não só não teria qualquer direito à rescisão, como não teriam nela qualquer interesse, já que ela não poria termo aos seus problemas!

O que é interessante voltar a sublinhar é que, em qualquer dos desfechos, quer fosse o contrato rescindido, quer fosse mantido por falta de provas, em ambas as situações se aceita a existência das manifestações dos Espíritos, o que é bem patente na argumentação de ambos os lados.

Ninguém argumentou que os processos não faziam sentido por se basearem em ideias ridículas! De resto, ressalva o próprio autor que essa atitude fora bastante sensata, porque se arriscariam a "receber, cedo ou tarde, um desmentido da experiência, como já ocorreu com os homens mais esclarecidos, por se haverem apressado a negar as coisas que não compreendiam."

O artigo termina, com a narração de mais um caso por explicar, publicado igualmente num periódico da época, neste caso o diário "La Patrie", de 4 de setembro de 1858, que narra as enormes confusões ocorridas em dois prédios de uma rua de Paris, nos quais as campanhas não paravam de tocar, tendo os moradores chegado a montar guarda para vigiar as ditas campanhas que tocavam sem ninguém as impulsionar... ninguém com um corpo físico, bem entendido! "Procuraram uma explicação e chamaram a polícia. Que mistério era esse? Ainda o ignoram." Não, por certo, os leitores da *Revista*, já em vários momentos brindados com a abordagem destes assuntos, mesmo não tendo ainda *O Livro dos Médiuns* sido entregue ao prelo.⁴

4. Artigos sobre o Espírito batedor de Bergzabern, nas Revistas de maio, junho e julho desse mesmo ano. Embora *O Livro dos Médiuns* só fosse publicado em janeiro de 1861, pela altura do artigo havia já uma "Instrução prática sobre as manifestações espíritas" citada pelo próprio Kardec no artigo do Espírito batedor de Bergzabern de junho de 1858

5. De referir que Kardec formula uma teoria sobre as manifestações físicas, construída com base nos conhecimentos que até ao momento tinha, que sendo idêntica à que é apresentada pelos Espíritos, dela difere nalguns pontos, mostrando a independência de pensamento entre o Codificador e os Espíritos encarregues da Codificação, bem como a sua honestidade, formulando hipóteses e completando ou emendando essas hipóteses a posteriori, mal o conhecimento espírita era alargado e novos esclarecimentos vinham clarificar os assuntos.

O próprio autor do artigo em referência, remete para os artigos anteriormente publicados na *Revista Espírita*, nos meses de maio, junho e julho, relativos ao Espírito batedor de Bergzabern, o que não só faz publicidade à *Revista*, num órgão de leitura geral, como convida os leitores a encontrarem as explicações e respostas para a pergunta que deixa em aberto no final do seu artigo e que voltamos a transcrever: "Que mistério era esse? Ainda o ignoram."

Num tom humorístico de quem comenta mistérios que deixaram de o ser e de quem já sabe todas as respostas, parece-nos que essas últimas frases poderão querer dizer que há ignorantes que se mantêm ignorantes sem necessidade, porque as respostas já existem! Talvez depois da publicação deste artigo, os próprios proprietários ou arrendatários em questão tenham ido à procura das referidas explicações e dissolvido definitivamente o "mistério".

Os artigos referidos pelo autor, publicados anteriormente na *Revista Espírita*, são acompanhados não só dos relatos do episódio do Espírito batedor de Bergzabern, como também de variados comentários e hipóteses de Kardec e das explicações e respostas sobre o assunto, dadas posteriormente pelos Espíritos⁵.

O assunto fora pois já sistematizado por Kardec na própria *Revista* e é com base nesses conhecimentos que o autor do artigo analisa a questão de modo sintético. Em resumo: os Espíritos inferiores podem importunar para se divertirem, ou para fazer sentir a sua presença num determinado lugar, sentindo-se ou não especialmente ligados a ele, necessitando para tal de um médium de Efeitos Físicos, no local ou nas imediações, capaz de fornecer a quantidade de fluido necessária à realização dos desejados efeitos. Naturalmente que a frequência ou intensidade dos fenómenos produzidos dependerá da quantidade do fluido disponível, sendo o médium comumente utilizado sem ter disso consciência. Podem, ainda, espíritos dessa natureza, acompanharem aquele que tem

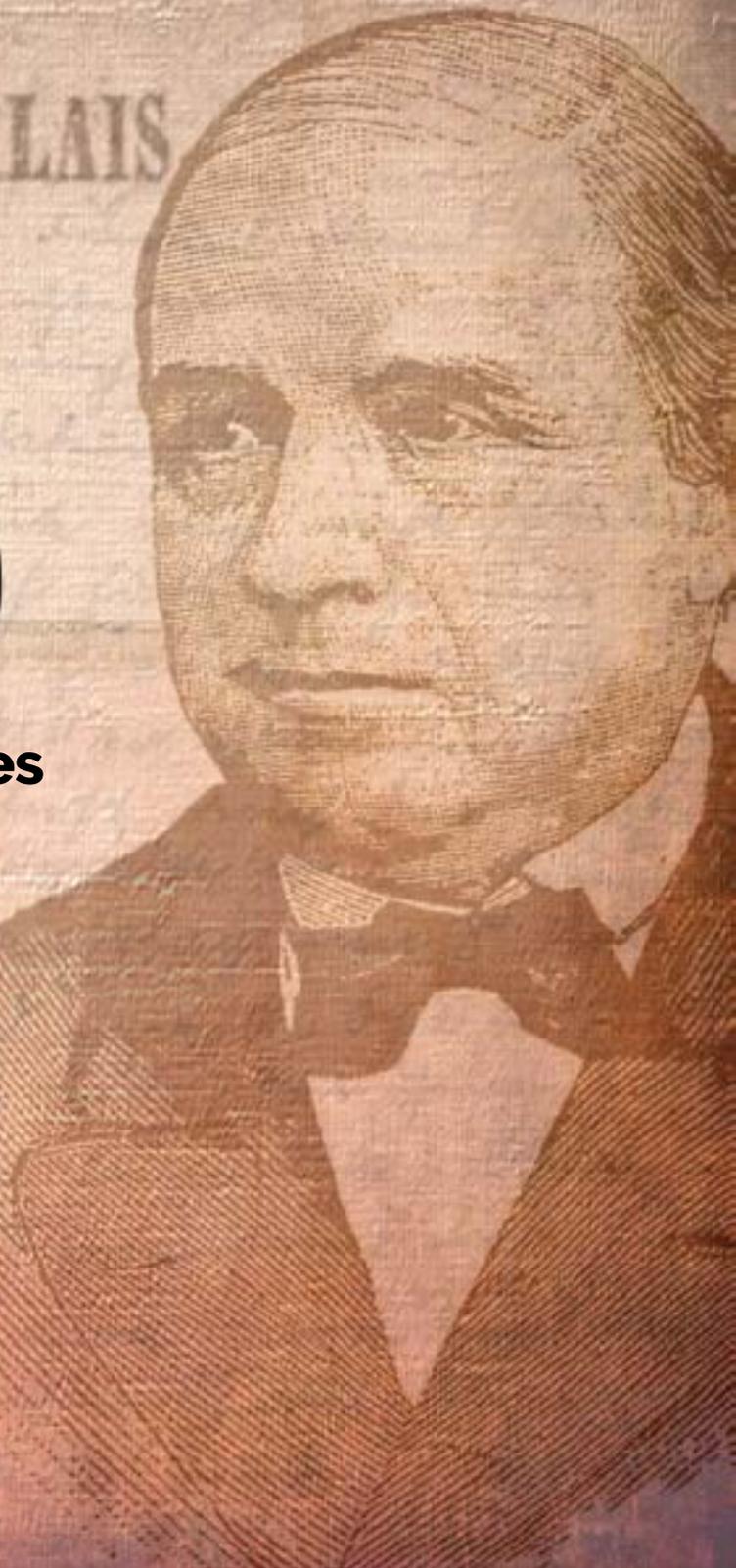
FEUILLETON DE LA PRESSE

DU LUNDI SOIR 2 AOUT 1838.

COURRIER DU PALAIS



Em ambas as situações se aceita a existência das manifestações dos Espíritos, o que é bem patente na argumentação de ambos os lados





**Dias chegarão,
provavelmente,
em que as disposições
legais passarão a
contemplar estas
realidades, então aceites
como comuns e
explicáveis**

a faculdade mediúnica, nesse caso manifestando a sua presença não num lugar fixo, mas por onde quer que o médium se encontre. Podem fazê-lo apenas levemente ou com intuito ostensivo de perturbar e prejudicar, o que assinala a existência de um processo obsessivo, normalmente associado a um desejo de vingança. Nesse caso a situação torna-se mais grave e os meios de a ultrapassar mais demorados e difíceis.

Importa referir que as questões legais e o Espiritismo não se esgotaram na época de Kardec e continuam atuais, como atuais são, aliás, as faculdades humanas e a existência dos Espíritos. Só para citar brevemente, nos Anos 40 do Séc. XX, uma ação movida pela viúva e pelos filhos do famoso escritor brasileiro Humberto de Campos, requeria que o tribunal se pronunciasse se a obra da autoria do seu Espírito psicografada por Chico Xavier e publicada pela FEB, era ou não efetivamente da sua autoria, requerendo as devidas consequências de uma ou outra decisão. No caso afirmativo, os direitos autorais. Também este caso não estava previsto na lei e as várias instâncias de modo geral concordaram com a Defesa, considerando não ser competentes para responder à questão colocada pelos Autores; utilizaram os recursos que tinham à disposição, nomeadamente considerando que uma pessoa tem uma existência que se considera desde o momento do nascimento até ao momento da morte, período sobre o qual recaem os direitos de autor da obra entretanto produzida, e nada mais⁶.

Muitas outras situações ocorreram e continuarão a ocorrer, já que a existência dos Espíritos é uma realidade e a sua interação com os reencarnados, incessante! Dias chegarão, provavelmente, em que as disposições legais passarão a contemplar estas realidades, então aceites como comuns e explicáveis! Para isso exige-se credibilidade dos médiuns e universalização das realidades espíritas...! É preciso ainda esperar! Enquanto esperamos, fiquemos satisfeitos, porque para nós, nada destas coisas já são mistério!...

6. Ver Timponi, "A psicografia ante os tribunais".

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan. 2004. "Questões de Espiritismo Legal". *Revista Espírita*. Brasília: FEB. [Ano 1, N. 10. (outubro 1858): 432-438].

La Presse, em 2 de agosto de 1858, disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k478050d/f1.item>.

TIMPONI, Miguel. 1978. *A psicografia ante os tribunais*. Rio de Janeiro: FEB.

A Geração **Nova** **Espiritismo** com **Crianças** e **Jovens**



***Marco Leite**

Coordenador da Área da Família na Federação Espírita Brasileira. Pedagogo e professor com pós-graduação em Educação e Orientação Sexual e formação em psicanálise.

MARCO LEITE*



Caridade na Família

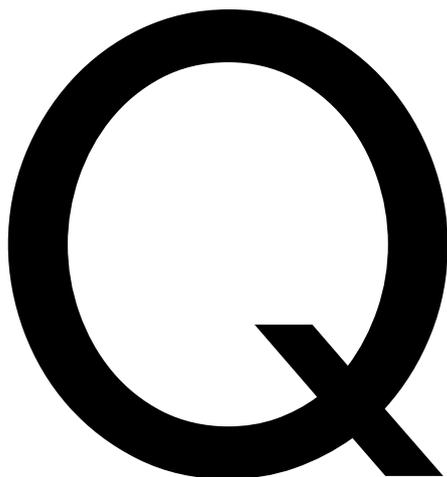




Resumo

Allan Kardec, na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, alterou o paradigma da salvação, deslocando a sua garantia da fé para a caridade, da crença para a ação. Baseando-se num texto de Lacordaire, publicado na *Revista Espírita* de agosto de 1865, este artigo discorre sobre a prática da caridade na família, de acordo com a sequência de prioridades apresentada por Lacordaire e com os contributos da Doutrina Espírita relativamente aos compromissos espirituais e ao planeamento reencarnatório.

Palavras-chave Caridade, Família, Salvação, Lacordaire, compromisso.



Quando o Codificador trouxe a Doutrina Espírita, alterou um paradigma que existia até então, que era “fora da Igreja não há salvação”. Então, a salvação era uma questão de fé. A fé é que conduzia o indivíduo à chamada salvação.

Allan Kardec em *O Evangelho Segundo o*

Espiritismo, no capítulo 15, item 10, aborda exatamente a questão da caridade, indicando que só ela constitui a salvação.

No capítulo 13, no item 9 da mesma obra, encontramos uma outra mensagem onde é abordada a caridade material e a caridade moral, mostrando que, se o ato de dar pode ser caridade, o ato de se doar também o é. A salvação assim passa a não depender da fé e sim da ação, da preocupação com os outros, da caridade e então temos que “fora da caridade não há salvação”.

Mas o que é que vem a ser a caridade?

Na questão 886 de *O Livro dos Espíritos* encontramos a definição da caridade tal como foi entendida por Jesus: “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições alheias, perdão das ofensas”.

Então a caridade deve ser a nossa maneira de ser, de agir no cotidiano, o nosso Evangelho. Vicente de Paulo, ainda na obra *O Evangelho segundo o Espiritismo* refere que “a caridade é a chave do céu”. Alguns anos depois, Lacordaire em mensagem publicada na *Revista Espírita* de agosto de 1865, disserta sobre a caridade. Ele faz, num determinado momento, referência à caridade em relação à família, que é o assunto que iremos desenvolver aqui.



“

Se o ato de dar
pode ser caridade,
o ato de **se doar**
também o é



A caridade deve ser a
nossa maneira de **ser**,
de **agir** no cotidiano

O que mais dificulta nesses momentos atuais a caridade na família? E como é que nós podemos exercitar e fortalecer os laços de família nesse momento tão conturbado do nosso planeta?

As famílias estão pedindo socorro no momento de transição em que estamos.

Durante a pandemia, muitas famílias não aguentaram o convívio 24 horas por dia. A solicitação de divórcio, de separações familiares, aumentaram aproximadamente 30%. Por sua vez, vemos também o inverso acontecer, muitas famílias que eram desajustadas, no momento em que se viram obrigadas a conviver 24 horas por dia, começaram a se estruturar, a se entreajudar e a se conhecer e compreender; viram as dificuldades que existiam nos relacionamentos e a partir de então, começaram a ter um relacionamento muito mais adequado em relação ao que era anteriormente.

No livro *O Consolador*, na questão 175, à pergunta: “O Instituto da família é organizado no plano espiritual antes de projetar-se na Terra?”, o Espírito Emmanuel responde que “O colégio familiar tem suas origens sagradas na esfera espiritual. Em seus laços reúnem-se todos aqueles que se comprometeram no Além a desenvolver na Terra uma tarefa construtiva de fraternidade real e definitiva. Preponderam nesse instituto divino os elos do amor, fundidos nas experiências de outras eras; todavia, aí ocorrem igualmente os ódios e as perseguições do pretérito obscuro, a fim de se transfundirem em solidariedade fraterna, com vistas ao futuro.”

Ou seja, qual o objetivo de estarmos em família? O objetivo é um só: a solidariedade fraternal, o amor.

É interessante verificar que quando começa o planejamento espiritual de que o Espírito André Luiz nos fala, uma das primeiras coisas que os amigos espirituais do Plano Maior da vida organizam é a família na qual iremos renascer e também a família que iremos formar; quem serão nossos, esposos e filhos¹.

Alguns colocam a questão: se tudo foi planejado, por que é que eu tenho uma família tão conturbada, tão difícil?

É importante ponderar que, às vezes, o problema não é da família, é nosso. O importante não é o que o outro faz, mas o que é que nós fazemos com o que o outro faz, porque nós não estamos no domínio do outro, mas devemos estar no domínio de nós próprios.

Joanna de Ângelis, no livro *Estudos Espíritas*, nos fala o seguinte: "A família é o grupo de espíritos normalmente necessitados, desajustados, em compromisso inadiável para a reparação, graças à contingência reencarnatória". Ou seja, se temos problemas na família, a primeira coisa a compreender é que não estamos na família errada.

Emmanuel, por sua vez, numa mensagem fenomenal no livro *Pão Nosso*, lição número 117, coloca o seguinte: "A luta em família é o problema fundamental da redenção do homem na terra". E então ele questiona, "como seremos benfeitores de 100 ou de 1000 pessoas, se ainda não aprendemos a servir, a cuidar de cinco ou de dez criaturas? Essa é a indagação lógica que se estende a todos os discípulos sinceros do cristianismo. (...) É impossível auxiliar o mundo quando ainda não conseguimos ser úteis nem mesmo a uma casa pequena, aquela em que a vontade do Pai, no situou a título precário."

Muitas das vezes estamos querendo resolver o problema da humanidade, da comunidade, do nosso vizinho, dos nossos amigos no trabalho e esquecemos que a principal obrigação é a nossa família. Antes de irmos para fora de casa, aprendamos a trabalhar em favor da família que está dentro de casa, convictos de que semelhante esforço representa a realização essencial.

1. Ver obras de André Luiz da série "A Vida no Mundo Espiritual", psicografadas por Francisco C. Xavier.

“

É importante
ponderar que,
às vezes,
o problema não
é da família,
é nosso



O importante não
é o que o outro faz,
mas o que é que nós
fazemos com o
que o outro faz

Chico Xavier dizia que devemos lutar contra o comodismo e a ociosidade, caso contrário, vamos retornar ao plano espiritual com uma enorme sensação de vazio.

A questão mais aflitiva para o espírito no além é a consciência do tempo perdido. Às vezes não temos a consciência do que devemos realizar naquela família.

O Espírito Lacordaire, no texto referido acima, intitulado "A Chave do Céu"², num determinado momento, questiona: "a família, que será dela? Estaremos quites com a família desde que socorremos os chamados pobres?" Ou seja, se fizermos a caridade socorrendo os pobres, auxiliando os miseráveis e as pessoas que estão no nosso mundo precisando de ajuda, estaremos quites com a família?

Lacordaire então responde: "Não, evidentemente que não, porquanto, desde que reconheçamos a necessidade de despojarmos para os pobres, trata-se de fazer uma escolha e estabelecer uma hierarquia. Ora, vossas mulheres, vossos maridos e vossos filhos são os primeiros pobres. A eles, pois, deveis dar a vossa primeira esmola. Antes e depois deles, os autores dos vossos dias, os que vos alimentaram e guardaram, os que protegeram os nossos primeiros passos e guiaram a vossa adolescência. Vosso pai e vossa mãe têm o direito à vossa solicitude. Depois vêm aqueles que Deus nos deu como irmãos, segundo a carne.

Vamos lembrar novamente a mensagem de Emmanuel quando nos coloca que o objetivo da família é transfundir aquelas relações em solidariedade, em fraternidade. Então, por mais difícil que seja um irmão, com esse irmão nós temos que saber tratar, temos que ser caridosos.

Então, no processo da hierarquia, encontra-se em primeiro - esposo, esposa e filhos, segundo - pai e mãe, terceiro - irmãos nessa vida, segundo a carne, quarto - vêm os amigos do coração.

Quantas vezes muitos de nós temos uma amizade tão firme com o amigo que o consideramos muito mais irmão do que o irmão consanguíneo. Esse amigo do coração talvez seja um irmão da nossa família espiritual, que nessa encarnação não veio como família consanguínea. Porquê? Porque não havia nada para resolver com ele. Precisamos resolver é com o irmão de sangue, com o pai, com a esposa, com os nossos filhos. Aquele amigo do coração já amamos, por isso ele não vem na família.

2. Lembremos que essa expressão "chave do céu" é de um texto do Apóstolo Paulo, que refere que a caridade é a chave do céu.

Mesmo assim, Lacordaire nos traz a orientação de que esse amigo do coração também deve ser objeto da nossa caridade, só que em quarto lugar. Antes dele temos os outros três relativamente aos quais devemos priorizar o nosso agir.

No quinto nível da hierarquia, temos todos os pobres, a começar pelos mais miseráveis.

É fácil amar os que estão longe, mas nem sempre é fácil amar aqueles que vivem do nosso lado.

A nossa felicidade está voltada para o nosso senso de dever cumprido. Se nós viemos, nessa encarnação, para resolver compromissos espirituais com aqueles que nasceram na nossa família, esse é um dever nosso.

Às vezes trabalhamos com pessoas em processo terminal, aquele indivíduo que sabe que vai desencarnar em poucos dias, e ele não pergunta ao médico: "Será que eu não consigo mais um mês de vida? Eu estou com muito dinheiro guardado no banco e preciso fazer mais uma viagem para um país que eu não conheci!" Isso até pode passar pela cabeça dele, mas não é o que o atormenta. Aqueles indivíduos que estão nos últimos momentos da sua existência recordam o seu compromisso com a família: "Doutor, será que eu não conseguiria mais uns dias? Eu preciso estar resgatando o contato com a minha filha, ela saiu há 20 anos de casa e depois disso eu nunca mais a vi. Eu a expulsei. Eu não quis mais saber dela, será que eu não consigo mais um tempo?" ou "Eu me dediquei tanto ao trabalho para poder dar condições aos meus filhos que convivi pouco com eles. Será que eu não tenho um tempo mais para poder estar brincando com eles, saindo com eles, indo ao parque com eles? Porque eu só ficava trabalhando?" Isso é o que vai estar pesando na cabeça das pessoas nos momentos finais - os relacionamentos familiares.



A nossa felicidade
está voltada para
o nosso senso de
dever cumprido



“

Muitos **sabem**,
mas nem todos
fazem

O dever é o compromisso que estabelecemos no outro plano da vida. Quando estávamos pensando na nossa encarnação, a família foi um dos pontos essenciais, um dos primeiros itens a ser fechado dentro da nossa programação. Por isso, o maior compromisso que temos hoje em nossa existência é o compromisso familiar. Esse é o nosso grande foco. Por isso Emmanuel nos coloca a questão de como seremos benfeitores de 100 ou de 1000 pessoas, se ainda não aprendemos a servir cinco ou dez criaturas. É dentro do nosso lar, que começamos a desenvolver, nos cuidados para com aqueles com quem temos o compromisso primeiro, o que podemos fazer depois com os outros seres que compõem a nossa existência.

Precisamos fazer com que a nossa família dê certo, praticando a caridade em família, benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias e perdão das ofensas. Dentro da família teremos incompreensões, dificuldades. Sejam indulgentes, compreendamos, aceitemos! Isso é indulgência, é perdão das ofensas. Estejamos presentes, ajudando os nossos irmãos, pais, esposa, marido, filhos, sendo agradáveis, compreendendo o que está acontecendo, buscando, acima de tudo, lembrar a fala de Jesus, quando nos diz que estamos aqui para servir e não para sermos servidos.

Façamos assim, recordando que a caridade é o que garante a nossa salvação. Todos nós, independente da nossa crença, o que precisamos fazer é colocar o conhecimento em prática, dia após dia, porque como refere Emmanuel em *Caminho Verdade e Vida* "muitos sabem, mas nem todos fazem"³.

3. Ver mensagem "Saber e Fazer", na obra psicografada por Francisco Cândido Xavier *Caminho, Verdade e Vida*.

BIBLIOGRAFIA

FRANCO, Divaldo P. (Joanna de Ângelis, Espírito). 1995. *Estudos Espíritas*. Rio de Janeiro: FEP.

KARDEC, Allan. 2013. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan 2013. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan 2004. "A Chave do céu". *Revista Espírita – jornal de estudos psicológicos*. Brasília: FEB. [Ano VIII, N. 8 (agosto de 1865): 336-340].

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 1949. *Caminho Verdade e Vida*. Rio de Janeiro: FEB.

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 2019. *O Consolador*. Brasília: FEB.

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 2012. *Pão Nosso*. Brasília: FEB.

“

Estamos aqui
para **servir**
e não para
sermos
servidos



Palestras

Familiares de Além-túmulo

Hoje

Mensagem psicográfica
recebida por Marta Antunes
na FEB - Federação Espírita Brasileira
Espírito Honório Abreu

HONÓRIO ABREU¹

Reduto das Trevas



Um exemplo vivo de servidores do Evangelho que não vacilam em se embrenhar pelas tortuosas aglomerações dos Espíritos portadores das mais variadas perturbações e desarmonias

Em nossos aprendizados aqui, na dimensão do Espírito, temos encontrado oportunidades abençoadas que nos conduzem a reflexões profundas.

Estávamos de passagem e abrigados em um Posto de Auxílio espiritual, situado nas regiões inferiores, muito próximo à crosta terrestre. É um recanto de paz e luz imerso na escuridão que rodeia o ambiente. Núcleo de trabalho intenso e de devotado amor ao próximo, fundado pelo irmão Quintão¹, denodado espírita que fora presidente da nossa FEB.

O edifício do Posto de Auxílio é caracterizado pela simplicidade, a despeito dos muros altos que o cercam, em razão do óbvio ataque costumeiro de Espíritos desordeiros que perambulam, às centenas, pelos arredores. A forte vigilância é produzida por equipamentos que nos escapam à compreensão, mas que se mantêm em perfeita harmonia, devido à segurança das emissões mentais dos responsáveis pela direção da instituição.

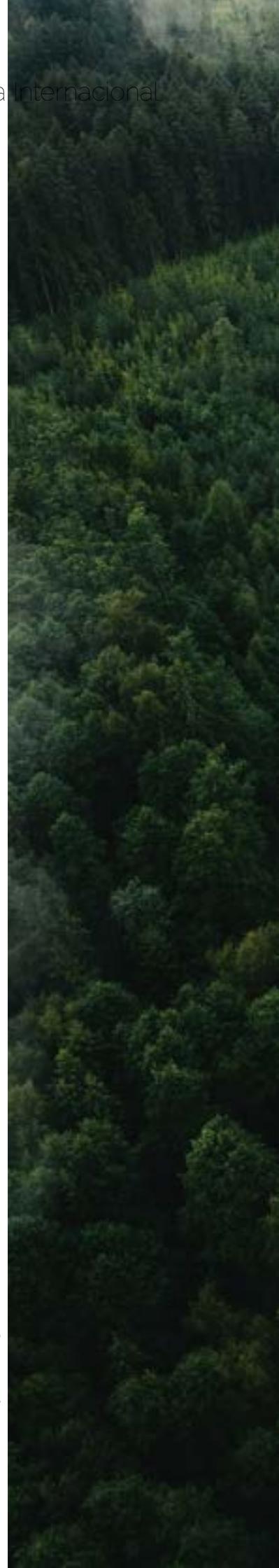
Poucos cômodos existem ali, locais para estudo e preces e uma enfermaria bem organizada, mantida sob os cuidados de devotados trabalhadores. Há uma equipe externa, segura e disciplinada, um exemplo vivo de servidores do Evangelho que não vacilam em se embrenhar pelas tortuosas aglomerações dos Espíritos portadores das mais variadas perturbações e desarmonias.

1. **Manoel Justiniano de Freitas Quintão** (28/05/1915 - Valença/RJ a 16/12/1955 - Rio de Janeiro/RJ), foi um jornalista, escritor e médium espírita brasileiro, que presidiu a Federação Espírita Brasileira em 1915, 1918, 1919 e 1929.

Nem o inferno tão detalhadamente escrito pelos irmãos católicos apresenta cenas tão impressionantes de dor e desolação. Retirar as almas que ali se encontram perdidas e desorientadas equivale ao trabalho de extração da pepita de ouro do leito do rio lamacento e revolto.

Estive em um desses resgates. Constato que foi algo impressionante e, efetivamente, fiquei muito tocado e reflexivo a respeito do sofrimento dos desarvorados irmãos e do trabalho de renúncia realizado por dedicados servidores de Jesus.

Ali, eu me encontrava como mero observador, pois nem a condição de aprendiz me facultaria tal posição. Presenciei o amor exemplificado por homens e mulheres, muitos dos quais ocuparam posições de destaque na sociedade em que viveram, quando encarnados: abraçavam os infelizes sofredores, acolhendo-os com alegria; realizavam a atividade de forma despretensiosa e anônima, que o olhar humano, ainda focado nos interesses das coisas transitórias, não enxerga.





**Retirar as almas
que ali se encontram
perdidas e desorientadas
equivale ao trabalho de
extração da pepita de ouro
do leito do rio lamacento e
revolto**



**Abraçavam
os infelizes sofredores,
acolhendo-os com alegria;
realizavam a atividade de
forma despretensiosa e
anônima**

O ar pútrido, a sujidade que se encontrava sobre o perispírito daquelas almas sofredoras é, realmente, algo doloroso de se ver. Entretanto, os carinhosos abraços dos obreiros do bem demonstravam que não se importunavam com as lamacentas vibrações que escorriam da cabeça aos pés daqueles irmãos desvalidos, saturados de uma carapaça de fluidos deletérios e degradantes, semelhantes ao lodo pegajoso, repleto de podridão.

Agradecemos ao irmão Quintão e a todos os demais servidores do humilde Núcleo pelo aprendizado, pela oportunidade de presenciar o verdadeiro exemplo de amor a Deus e ao próximo.

Honório Abreu

Honório Onofre de Abreu

(12/6/1930-Belo Horizonte/MG a 13/11/2007-Belo Horizonte/MG), foi funcionário do Banco do Brasil, onde exerceu funções relevantes, ajudou a fundar o Grupo Espírita Emmanuel, em 1º de novembro de 1957, vindo a presidir a União Espírita Mineira de 2002 à sua desencarnação em 2007.

CEI

Conselho Espírita Internacional

Plano Histórico

Image Sara Barros, "A place for History" (2024)

CARLOS SETH BASTOS*

Espíritos Sob **Investigação**

Resgatando Parte da História



***Carlos Seth Bastos**, nascido em São José dos Campos – SP, Brasil, é engenheiro eletrônico com cursos de capacitação em administração. Foi diretor em empresas transnacionais de telecomunicações, onde se aposentou. É presidente do Centro Espírita Amor a Jesus de Jacareí – SP, Brasil e autor de e-books gratuitos como *Coadjuvantes da Codificação Espírita*; monografias como *Em respeito a Kardec, a Gênese investigada*; artigos científicos como *A verdadeira identidade das primeiras médiuns utilizadas por Kardec*, além do livro *Espíritos sob investigação – resgatando parte da história*, publicado pelo Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo – Eduardo Carvalho de Monteiro (CCDPE – ECM), Brasil.



Resumo

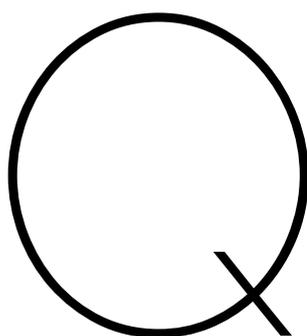
Devido à escassez de fontes primárias, só acessíveis mais facilmente no século XXI através da digitalização massiva de documentos, a historiografia do Espiritismo era bastante deficiente, embora sua história fosse muito rica. A existência de uma quantidade grande de biografias de Kardec não refletia necessariamente a qualidade das informações disponibilizadas, já que eram na maior parte obtidas de depoimentos de pessoas que conviveram com ele muitos anos antes. Sobre seus colaboradores, os médiuns, só se conheciam mitos e boatos, enquanto em *O livro dos médiuns* o próprio Kardec havia declarado sobre a importância delas nas comunicações mediúnicas. Ele também havia dito num discurso de 1864: "É preciso que consagrem a memória dos verdadeiros pioneiros da obra regeneradora, e que não haja glórias usurpadas". Por isso este artigo menciona também, sempre fundamentado em fontes primárias, o que aconteceu com o movimento espírita francês após as dissidências e a desencarnação de Kardec.

Palavras-chave Rivail, Kardec, codificação, história, historiografia.



Neste artigo contamos a história de Espíritos encarnados e desencarnados que ajudaram **Allan Kardec**





ue Espíritos estariam sob investigação? Neste artigo contamos a história de Espíritos encarnados e desencarnados que ajudaram Allan Kardec na preparação e divulgação da doutrina espírita. O que se conhecia até há pouco tempo sobre estes personagens, protagonistas e coadjuvantes?

Muito pouco, pois a historiografia do Espiritismo foi construída tendo como base apenas testemunhos e artigos da *Revista Espírita*, sendo que tais informações foram replicadas através de dezenas de livros sem a necessária consulta às fontes primárias ou diretas¹.

Com isso as biografias do antigo mestre de pensionatos mostram imprecisões de toda ordem. Além de Espíritos importantes para a história da humanidade, quase nada se sabia sobre os médiuns e outros Espíritos fundamentais no trabalho desenvolvido até a desencarnação de Allan Kardec, período conhecido como "codificação". E mais, se ignoravam fatores importantes que aconteceram depois, como o envolvimento considerável com a igreja dominante de magistrados, juizes de instrução e promotores do conhecido "processo dos espíritas", ou a permissividade da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que seguiu em paralelo com a Sociedade Anônima, com ideias estranhas ao Espiritismo, como o imortalismo².

1. Foram identificadas mais de setenta obras biográficas, entre as quais as de H. Sausse, A. Moreil, Z. Wantuil & F. Thiesen, M. Souto Maior etc.

2. O imortalismo buscava provar a sobrevivência da alma, mas prescindia da prece e da crença em Deus, conforme <https://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/L193.pdf>. [Acesso em: 18 Out 2023].

Em agosto de 2018, um site numa rede social intitulado “CSI do Espiritismo”³ começou a publicar o resultado de suas pesquisas inéditas, sempre lastreadas por fontes primárias, como registros de estado civil obtidos nos arquivos das diversas comunas da França, jornais e outros periódicos do século XIX arquivados na Biblioteca Nacional da França etc., além de manuscritos do próprio Allan Kardec de diversos acervos⁴. Estas pesquisas, que foram resumidas e consolidadas no livro *Espíritos sob investigação*, desmistificaram o pouco que se sabia da história da doutrina espírita, e ainda acrescentaram novos fatos.

Vejamos alguns exemplos.

Falando apenas da biografia de Allan Kardec, foram identificados mais de quarenta equívocos. Já foi dito que ele conhecia todas as línguas da Europa, exceto o russo (Leymarie 1888, 66). Ou então que falava alemão, inglês, italiano, espanhol e holandês (Sausse 1901, 12), tendo o escopo sido reduzido mais tarde para alemão, inglês e holandês (Sausse 1927, 21). Ainda em 1955 estes erros eram propagados e aumentados: “Falava corretamente inglês, alemão, holandês, espanhol, italiano e era grande conhecedor do grego e do latim”⁵. Hoje sabemos que ele não falava nem espanhol nem italiano, e que já havia esquecido o alemão (Bastos 2022, 358).

Ainda como Rivail, antes de se tornar Allan Kardec, ele trabalhou em várias instituições de educação (escola de primeiro grau, pensionato de meninos, em dois endereços, escola de comércio e pensionato de meninas). Alguns biógrafos se confundiram e disseram que ora o instituto da Rua de Sèvres existiu até 1834 (Wantuil & Thiesen 1973, 111 e 131), ora funcionou até 1850 (Wantuil & Thiesen 1973, 145), sugerindo que foi a lei Falloux a responsável pelo fechamento. Na verdade o pensionato de meninos da Rua de Sèvres, também conhecido como Instituto Rivail ou Liceu Polimático, foi transferido a Pitolet em 1840 (Bastos 2022, 68), e Rivail deixou o pensionato de meninas da Rua Mauconseil no início de 1850, antes da lei Falloux (Bastos 2022, 73).

3. Neste contexto CSI significa “Codification Séances Investigation” e está disponível em facebook.com/HistoriaDoEspiritismo. [Acesso em: 18 Out 2023].

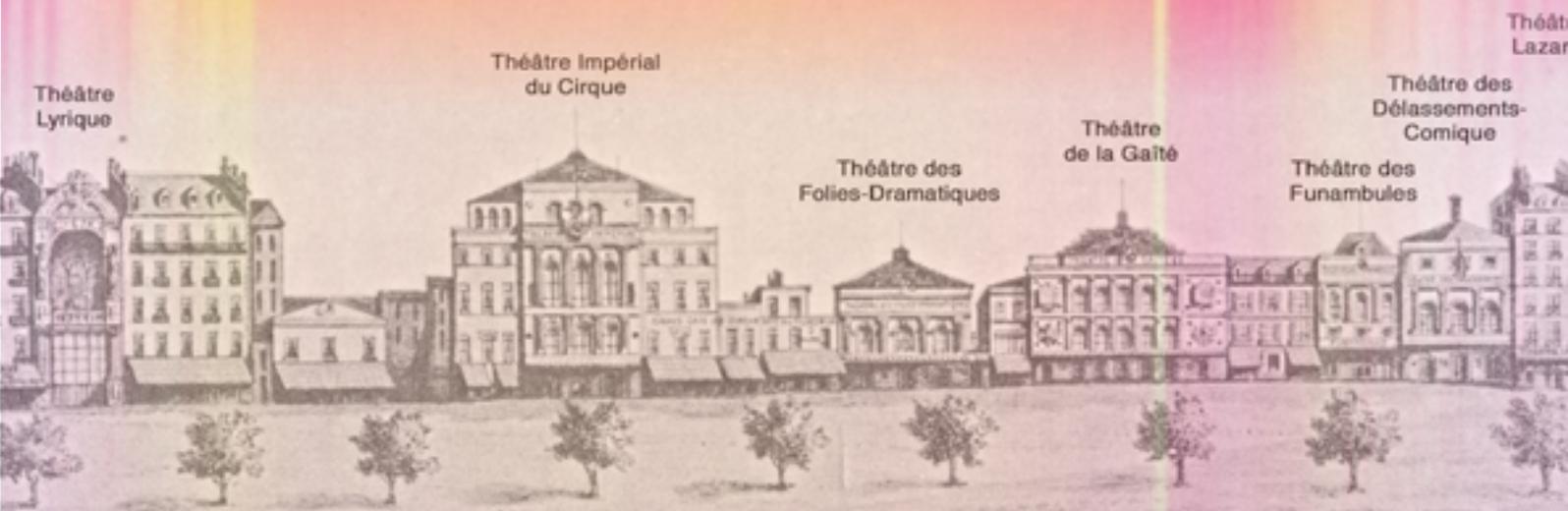
4. Parte está disponível no Portal Allan Kardec da Universidade Federal de Juiz de Fora, e pode ser consultada no endereço <https://web.projetokardec.ufjf.br/>. [Acesso em: 18 Out 2023].

5. J. Abreu Filho, *Biografia de Allan Kardec* (1955), publicada numa das versões do Príncipe Espírita. Disponível em https://files.comunidades.net/portaldoespirito/Biografia_de_Allan_Kardec__Julio_Abreu_Filho_1955.pdf. [Acesso em: 18 Out 2023].





É preciso que
consagrem a memória
dos verdadeiros pioneiros da
obra regeneradora,
e que não haja glórias
usurpadas



Sobre suas atividades com teatros, pouco foi dito, como que ele teria sido contador no teatro des Folies Marigny (Souto Maior 2013, parte I), o que é impreciso, pois Rivail foi “administrateur-caissier”, uma espécie de tesoureiro e contador, mas do teatro des Délassements Comiques (Bastos 2022, 79). Esteve também no teatro de la Porte Saint Martin, onde tinha uma agência dramática (Bastos 2022, 80).

Podemos ilustrar ainda a necessidade de se manter uma “dúvida razoável” em relação a temas cujas evidências nunca foram encontradas, por exemplo, Rivail ter sido médico (Leymarie 1888, 66) ou ter escrito a peça teatral Uma paixão de salão, junto com Napoléon Gallois (Wantuil & Thiesen 1973, 167). Isto porque existiu um sobrinho de Ampère (o grande físico que dá nome a unidade de medida da corrente elétrica), um associado da tipografia Mie et Rivail (que foi preso), um ex-prefeito de Tarn e um diretor de minas, com o sobrenome Rivail. Depois das pesquisas realizadas pelo “CSI do Espiritismo”, foi concluído que todos eram a mesma pessoa, Jean Henri Rivail (1810-1875), que não teve nenhum parentesco sanguíneo, nem com Ampère (sua esposa é que era sobrinha do físico), nem com o “nosso” Rivail (Jean Henri era filho de Dominique Rivail e neto de Jean Rivail). O H. Rivail da peça bem poderia ser este Henri Rivail. Outro sinal que poderia ligá-lo a Napoléon Gallois é que este foi membro da sociedade “Amis du Peuple”⁶ e aquele estava comprometido com a impressão das publicações desta mesma sociedade⁷.

Às vezes a informação já estava disponível desde a época de Allan Kardec, mas as biografias introduziram o erro, por exemplo dizendo que seus primeiros estudos foram em Lyon (Sausse 1896, 268), quando o próprio afirmou que nunca tinha vivido em Lyon (Kardec 1862, 180).

6. https://fr.wikipedia.org/wiki/Société_des_amis_du_peuple. [Acesso em: 18 Out 2023].

7. <https://maitron.fr/spip.php?article37091>. [Acesso em: 18 Out 2023].

Além destes e muitos outros equívocos, havia omissões naquelas biografias, entre as quais podemos citar: participação de Rivail na Guarda Nacional de Paris (Bastos 2022, 47), seu encontro com o rei Luís Filipe (Bastos 2022, 53), sua ida em 1842 ao cassino de Aix-la-Chapelle acompanhando o tio problemático (Bastos 2022, 70), sua detenção em 1844 (Bastos 2022, 72), suas três invenções conhecidas (Bastos 2022, 67 e 83) etc.

Da fase seguinte, já como Allan Kardec, quase tudo que se achava que se sabia era devido a uma obra chamada *O livro dos espíritos, sua tradição histórica e lendária*, cujo autor deixou claro no título não se tratar de uma obra historiográfica.

O próprio Allan Kardec havia dito na *Revista Espírita* de outubro de 1862 sobre o que deveria ser a história do Espiritismo: “É preciso que a Humanidade conheça os nomes dos primeiros pioneiros da obra (...) e que seja mostrada a história autêntica, em oposição às histórias apócrifas que o interesse pessoal poderia fabricar”. Não bastasse, ele reforçou isso no discurso de abertura do sétimo ano social, em primeiro de abril de 1864, disponível na *Revista Espírita* de maio: “É preciso que as gerações futuras saibam a quem deverão um justo tributo de reconhecimento. É preciso que consagrem a memória dos verdadeiros pioneiros da obra regeneradora, e que não haja glórias usurpadas”.

Foram descobertas então as identidades de vários médiuns e Espíritos, demonstrando-se que as irmãs Baudin não eram nem crianças nem adolescentes como se supunha (Canuto Abreu 1992, 85 e 86), mas que já tinham vinte oito e trinta anos em 1857 (Bastos 2022, 116 e 117); que nunca existiu uma Julie Baudin (Canuto Abreu 1992, 86) e que a irmã de Catherine Caroline se chamava Pélagie Baudin (Bastos 2022, 117); que Céline Japhet jamais teve Ruth no nome como até então se imaginava (Canuto Abreu 1992, 97) e que Japhet era um pseudônimo, sendo seu sobrenome Béquet (Bastos 2022, 121); que o Espírito Georges faleceu em julho de 1857 com pouco mais de trinta e um anos de idade, tendo sido professor de desenho da médium conhecida como Sra. Costel, mas cujo sobrenome verdadeiro era Lescot (Bastos 2022, 161).

“

O cruzamento de informações entre as obras consideradas fundamentais e a ***Revista Espírita*** permitiu a identificação da contribuição destes personagens na codificação da doutrina espírita



Mais Espíritos desencarnados estudados, entre muitos outros, foram a Srta. Emma Livry e o Dr. Lapommeray, ambos de *O céu e o inferno*. A primeira, um Espírito feliz, desencarnou com vinte e um anos de idade depois de um acidente no palco da Ópera de Paris. Seu nome era Jeanne Emma Emarot, bailarina. O segundo, um Espírito endurecido, foi condenado à morte e guilhotinado depois de ter envenenado sua amante. Seu nome era Edmond Désiré Couty de la Pommerais, médico homeopata, jogador compulsivo e assassino.

O cruzamento de informações entre as obras consideradas fundamentais e a *Revista Espírita* permitiu a identificação da contribuição destes personagens na codificação da doutrina espírita, sendo Allan Kardec o protagonista principal, o Espírito superior encarnado que analisava, corrigia e acrescentava informações em todas as mensagens recebidas.

Auxiliares próximos como o secretário pessoal e vice-presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, o Sr. D'Ambel, conhecido médium de Erasto, abandonaram o mestre. Suas comunicações, agora no jornal *L'Avenir*, estão irreconhecíveis. Estas dissidências e a terrível doença que acometeu Rivail em 1865 mostram todo o esforço e sacrifício que ele teve neste período até a sua morte em 31 de março de 1869. Parte significativa do movimento espírita negligencia o estudo de obras fundamentais desta época, como a quarta edição de *O céu e o inferno* e a quinta edição de *A gênese*, cujas edições originais foram revisadas por ele em 1868 e publicadas em 1869 por sua legatária, a esposa fiel Amélie Boudet (Bastos 2022, 321), que aliás nunca foi chamada de Gabi (Canuto Abreu 1992, 88 e Bastos 2022, 40).

Finalmente, sobre a última fase após a desencarnação de Allan Kardec, encontramos atualmente muitas opiniões sobre os conflitos entre os espíritas da União Espírita Francesa e da Sociedade Anônima, sendo que os fatos mostraram que inicialmente seus respectivos periódicos, o *Le Spiritisme* e a *Revue Spirite*, abriram espaço para discussão de temas polêmicos como o roustainguismo (Bastos 2022, 309). Leymarie, na *Revista Espírita*, também abriu algum espaço à teosofia, doutrina com a qual rompeu formalmente em 1884 (Bastos 2022, 295), fato ignorado pelos que o adjetivam com o termo “coveiro do Espiritismo”.

Como dito no final do livro *Espíritos sob investigação*: “Após o falecimento de Allan Kardec, o Espiritismo, espremido entre a igreja que o atacava e a ciência que ou o ridicularizava, ou não pesquisava o suficiente sobre seus fundamentos, deixou-se levar pelos conflitos entre seus representantes e pela ingenuidade e vaidade de seus dirigentes, que se permitiram desvios exploratórios, abrindo espaço na *Revista Espírita* à fotografia dos Espíritos, à teosofia, ao roustainguismo, etc. Entretanto, os fatores preponderantes para o fim do Espiritismo na França talvez tenham sido a ruína financeira da Sociedade Anônima e a falta de dedicação aos estudos doutrinários por parte dos espíritas em geral”.

A ruína financeira aconteceu devido à anulação dos testamentos de Jean Guérin e de Amélie Boudet em favor da sociedade. As razões? Os detalhes são explorados no “CSI do Espiritismo” ou no livro *Espíritos sob investigação*.



BIBLIOGRAFIA

BASTOS, Carlos S. 2022. *Espíritos sob investigação, resgatando parte da história*. São Paulo: CCDPE.

BASTOS, Carlos S. 2022. *Espíritos sob investigação, resgatando parte da história*. São Paulo: CCDPE. Bônus adicional disponível em: luzespirita.org.br/leitura/pdf/L193.pdf. [Acesso em 18 Out 2023].

CANUTO ABREU, Silvino. 1992. *O livro dos espíritos e sua tradição histórica e lendária*. São Paulo: Edições LFU.

KARDEC, Allan. 1862. "Voilà comment on écrit l'histoire! Les millions de M. Allan Kardec". *Revue Spirite, Journal D'Études Psychologiques*, June 1862. Disponível em: <https://www.retronews.fr/journal/la-revue-spirite/1-juin-1862/1829/3285233/20>. [Acesso em: 18 Out 2023].

LEYMARIE, Pierre. G. 1888. *Congrès international spirite de Barcelone - "La parole est donnée à M. P. G. Leymarie"*. Paris: Librairie des sciences psychologiques. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5500750h/f67.item>. [Acesso em: 18 Out 2023].

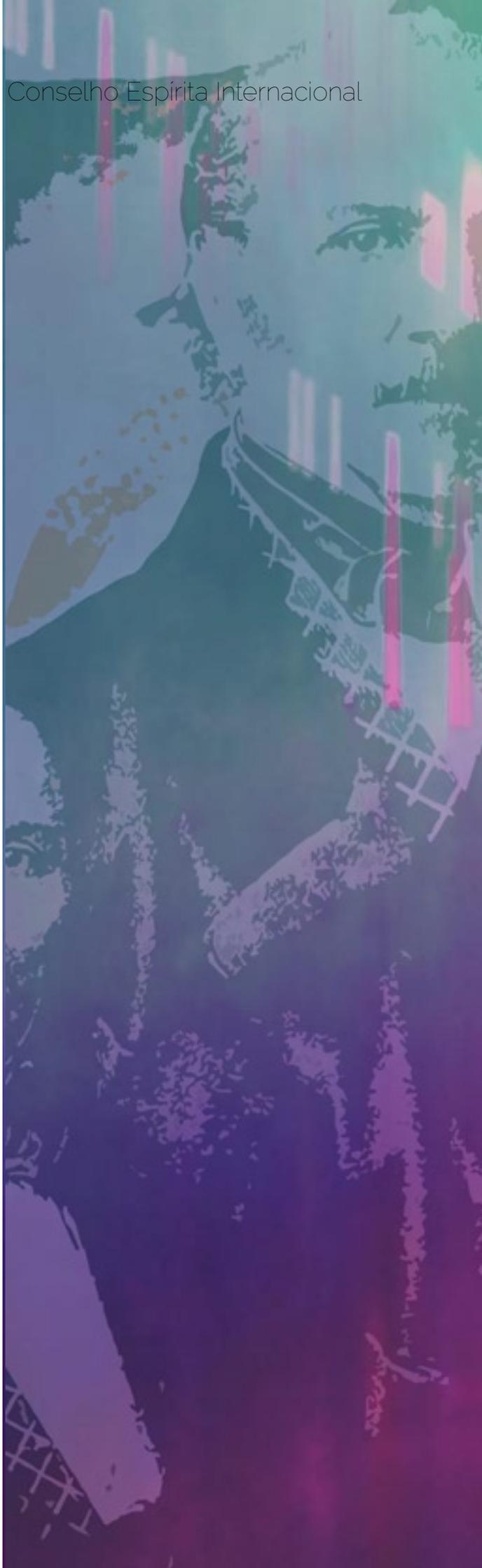
SAUSSE, Henri. 1901. *Biografia de Allan Kardec*. Barcelona: Imprenta de Juan Torrents y Coral. Disponível em <https://allankardec.online/pdf/135>. [Acesso em: 18 Out 2023].

SAUSSE, Henri. 1927. *Biographie d'Allan Kardec*. Paris: Editions Jean Meyer (B. P. S.). Disponível em <https://allankardec.online/pdf/150>. [Acesso em: 18 Out 2023].

SOUTO MAIOR, Marcel. 2013. *Kardec, a biografia*. Rio de Janeiro: Editora Record.

WANTUIL, Zêus e Francisco Thiesen. 1973. *Allan Kardec, meticolosa pesquisa biobibliográfica*. Volume I. Rio de Janeiro: FEB.

Fotos de documentos gentilmente cedidas pelo autor



“

É preciso que as
gerações futuras
saibam a quem
deverão um justo
tributo de
reconhecimento

Espiritismo e Sociedade



***Bruno Lins Quintanilha** atua na Sociedade Espírita Sorella e na Casa Espírita Euripedes Barsanulfo, ambas na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil
brunolquinta@yahoo.com.br

BRUNO LINS QUINTANILHA*



Casa
Espírita:
Relevância,
Possibilidades e
Apontamentos



Resumo

O tema deste artigo é a casa espírita e seu objetivo é compartilhar reflexões, possibilidades e apontamentos de ação social das instituições espíritas para comunidades e sociedade.

Palavras-chave Casa espírita, Função social, Espiritismo e sociedade.

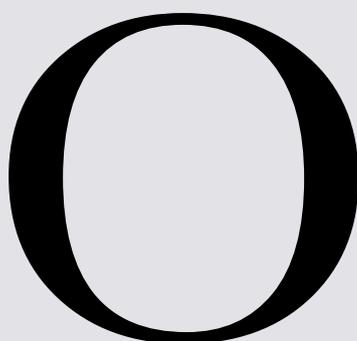


THIS
MUST BE
THE PLACE



**Um espaço de segurança,
onde o indivíduo possa
encontrar acolhimento
sem qualquer tipo
de julgamento**





Espiritismo é, a meu ver, um campo do conhecimento – ainda muito inexplorado –, uma filosofia espiritualista e um estímulo a uma religiosidade livre, aberta e autônoma.

Enquanto campo do conhecimento, busca investigar e compreender as relações entre os Espíritos e os homens. Enquanto filosofia espiritualista, o Espiritismo questiona sobre o que está para além do estritamente material, refletindo sobre as consequências da imortalidade da alma e das relações entre os Espíritos e os homens. A partir dos seus conceitos principais (mediunidade, Espírito, Deus, evolução e reencarnação) e de sua ética (pautada no respeito, na empatia, na não violência e no altruísmo), o Espiritismo pode vir a estimular religiosidade, ou seja, uma conexão do indivíduo com algo superior, mas uma conexão independente de instituições, lugares e regras¹.

1. Para ver a referência kardequiana de definição do Espiritismo, recomendo a leitura do final do Preâmbulo da obra *O que é o Espiritismo*, de Allan Kardec.



By Sebastian Pichler, on Unsplash

Isto é, resumidamente, o que entendo como sendo o Espiritismo. Na medida em que ele se espalha por mais pessoas e lugares, surgem instituições que objetivam estudá-lo, difundi-lo, praticá-lo, utilizá-lo em prol do desenvolvimento pessoal e social. Nesses lugares, se reúnem todas e todos que se interessam, de alguma forma, pelo Espiritismo e pelas suas possibilidades. A essas instituições, a esses lugares, chamamos, na atualidade, de centros espíritas, sociedades espíritas, casas espíritas, etc.

Neste breve texto, eu gostaria de focar nas possibilidades que as casas espíritas podem proporcionar para além do Espiritismo em si. Antes de um espaço onde somente ocorrem palestras, cursos ou reuniões mediúnicas, avalio que a casa espírita precisa ser um espaço de sociabilidade, de encontro, de vivências e convivência. Um espaço onde possamos conhecer diferentes pessoas

e formas de pensar, construir vínculos, redes de proteção, de ajuda. Um espaço de segurança, onde o indivíduo possa encontrar acolhimento sem qualquer tipo de julgamento à sua pessoa ou ao seu passado, acolhimento independentemente de sua classe social, origem étnico-racial, gênero, orientação sexual, aparência ou mesmo opção religiosa.

Embora qualquer instituição espírita seja formada por seres humanos e, por isso mesmo, tenha suas contradições, lacunas e pontos a melhorar, estas precisam ter sempre como meta a fraternidade, o amor e o seu permanente aprimoramento, para que possam atender, tanto quanto possível e na medida de suas possibilidades, a todas e todos que a busquem.

Além disso, uma parte das casas espíritas também é espaço de assistência às pessoas mais vulneráveis socialmente, seja através da doação



Local onde o diálogo e a comunicação não violenta sejam premissas fundamentais de relacionamento

de alimentos, roupas, de cursos, de atendimento médico, odontológico, psicológico, jurídico, etc. Todos esses serviços requerem, para que possam funcionar, quantidade relativa de voluntários – a depender do tamanho das instituições e da dimensão dos trabalhos –, de pessoas que disponham do seu tempo, boa vontade, qualificação e preparo para atender, ajudar e trabalhar. Por sua vez, essas experiências de voluntariado podem vir a mudar vidas, proporcionar vivências que podem impactar significativamente a percepção e visão de mundo e de sociedade daqueles que se voluntariam. Nesse sentido, o voluntariado em alguma instituição espírita – ou também não espírita – pode vir a ser uma experiência intensamente formativa e transformadora. É sabido que, em muitos lugares, casas espíritas prestam um relevante serviço social, suprindo carências derivadas da omissão do Estado e da sociedade².

2. Vale lembrar que inúmeras instituições religiosas, das mais diferentes matrizes e denominações, fazem trabalho muito significativo de auxílio e amparo de pessoas vulneráveis socialmente no Brasil. Juliano Spyer, no capítulo 22 da parte quarta da obra “Povo de Deus: Quem são os evangélicos e porque eles importam” utiliza o conceito de *Estado de Bem Estar Social Informal* para designar as redes de proteção que igrejas implantam em territórios periféricos e pauperizados onde o Estado se faz ausente e omissor. Cabe apontar que embora seja nobre e útil o trabalho assistencial desempenhado por instituições religiosas em locais com populações vulneráveis, a responsabilidade desse amparo e dessa assistência social é do Estado e somente este possui escala e capacidade suficiente para, por meio de políticas públicas, atender de forma mais vasta e resolutiva.



By Markus Spišak on Unsplash

3. Recomendo fortemente a leitura de duas obras que tratam sobre a temática da comunicação não violenta: "Educação não violenta", de Elisama Santos, e "Comunicação não violenta", de Marshall Rosenberg.

Junto a isso, avalio que as casas espíritas também podem ser espaços de formação intelectual e cidadã para as populações mais vulneráveis socialmente às quais prestam serviço. Quando e se possível, convidar médicos para falar sobre saúde, cuidados com o corpo e alimentação; trazer advogados e assistentes sociais para falar sobre os direitos que todo indivíduo tem – e muitas vezes nem sabe; trazer sociólogos para falar sobre machismo, racismo, lgbtfobia, democracia e cultura democrática, organização social e política comunitária; chamar psicólogos para exporem a importância de lidar com as próprias emoções e sentimentos de forma saudável e equilibrada, ressaltando a importância dos cuidados com a saúde mental; construir projetos de alfabetização para adultos, de reforço escolar para crianças, de pré-vestibular para jovens e adultos, de teatro, de esportes; implantar uma cultura de cuidados para com o espaço ao redor da instituição e com sua comunidade. Cabe apontar, contudo, que tais sugestões tratam-se de apontamentos em um plano

A casa espírita precisa ser espaço de exercício, formação e construção de cultura democrática



ideal, pois cada uma dessas frentes de serviço demanda organização e trabalho imensos. Muitas instituições espíritas são de pequeno porte, contam com poucos voluntários e não têm condições materiais de expandir mais os trabalhos. E não há absolutamente nenhum problema nisso. Particularmente, prefiro instituições pequenas, que façam pouco quantitativamente mas com elevada qualidade; o próprio Kardec (2013a), no capítulo 29 de *O Livro dos Médiuns*, no contexto de França do século XIX, relata sua preferência pela multiplicação de pequenos grupos espíritas, em detrimento de grandes agremiações. As ideias aqui expressas quanto a frentes e possibilidades de trabalho tratam-se antes de provocações, reflexões sobre as inúmeras possibilidades de atuação sociocultural das casas espíritas, sem que necessariamente elas tenham que abranger todos ou mesmo parte desses trabalhos.

Julgo também como fundamental que a casa espírita precisa ser espaço de exercício, formação e cons-

trução de cultura democrática. Lugar onde todas e todos tenham voz, onde decisões importantes possam ser construídas e deliberadas da forma mais horizontal, transparente e aberta possível. Local onde o diálogo e a comunicação não violenta sejam premissas fundamentais de relacionamento³.

As instituições espíritas devem ser espaços onde os católicos, evangélicos, umbandistas, candomblecistas, judeus, muçulmanos, budistas, ateus, etc., jamais se sintam desprezados ou desrespeitados de qualquer forma. Antes, precisa ser local onde o diálogo interreligioso possa acontecer e florescer, onde os diferentes aprendam uns com os outros, onde o amor seja a unidade no meio da diversidade. Não podemos esquecer que nas palestras e cursos espíritas podemos ter na assistência pessoas de outras religiões ou mesmo que não estejam vinculadas a nenhuma; dessa forma, é fundamental que o respeito e a empatia permeiem sempre as falas, sejam de caráter público ou particular.

As casas espíritas precisam ser espaços de promoção dos direitos humanos, de formação de indivíduos autônomos e sensíveis socialmente, espaços que proporcionem ferramentas para que todas e todos que o frequentem possam sair de lá um pouco melhores, materialmente, intelectualmente, eticamente ou espiritualmente. Que as casas espíritas, tanto quanto possível, possam ser espaços que não se reduzam somente ao estudo e divulgação do Espiritismo. Que possam ser instituições que façam a diferença socialmente e/ou culturalmente para melhor no entorno das comunidades onde estão instaladas e/ou para quem as frequenta.

O objetivo de qualquer instituição espírita não deve ser, em minha opinião, fazer espíritas, mas cumprir o principal objetivo do Espiritismo: auxiliar no desenvolvimento pessoal, social e na promoção do bem estar. Se o indivíduo se tornar espírita, essa será a menor consequência. Se o indivíduo que passou pela instituição teve algum aprendizado ou experiência que o fez uma pessoa mais sensível, consciente, altruísta, responsável – ainda que não se torne espírita –,

julgo que o Espiritismo e a instituição espírita cumpriram sua missão.

Por fim, vale lembrar que, embora as casas espíritas possam ser espaços extremamente úteis e relevantes do ponto de vista espiritual e social, em última instância o Espiritismo não depende delas, pois é perfeitamente possível ser espírita e não frequentar instituições espíritas. Em minha visão, o que define o espírita não é a frequência a um lugar, mas antes a sua postura ética e sua ciência/aderência aos conceitos centrais do Espiritismo. Allan Kardec (2013, 235), por sua vez, aponta que se reconhece o verdadeiro espírita “pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.” Por fim, o próprio Jesus, segundo o relato bíblico, disse à mulher samaritana⁴ que chegaria o tempo em que Deus não seria adorado em locais específicos, mas em espírito e verdade. Desejo que possamos vivenciar a nossa fé por meio do exercício do amor, em qualquer lugar onde o amor se faça necessário, seja nas instituições espíritas, seja fora delas, nos mais diferentes lugares e situações.

4. Ver o Evangelho de João, capítulo 4



**Vivenciar a nossa fé
por meio do exercício
do amor,
em qualquer lugar
onde o amor
se faça
necessário**

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan. 2013. *O Evangelho segundo o Espiritismo* [tradução de Guillon Ribeiro da 3. ed. francesa, revista, corrigida e modificada pelo autor em 1866]. (Edição Histórica). Brasília: FEB.

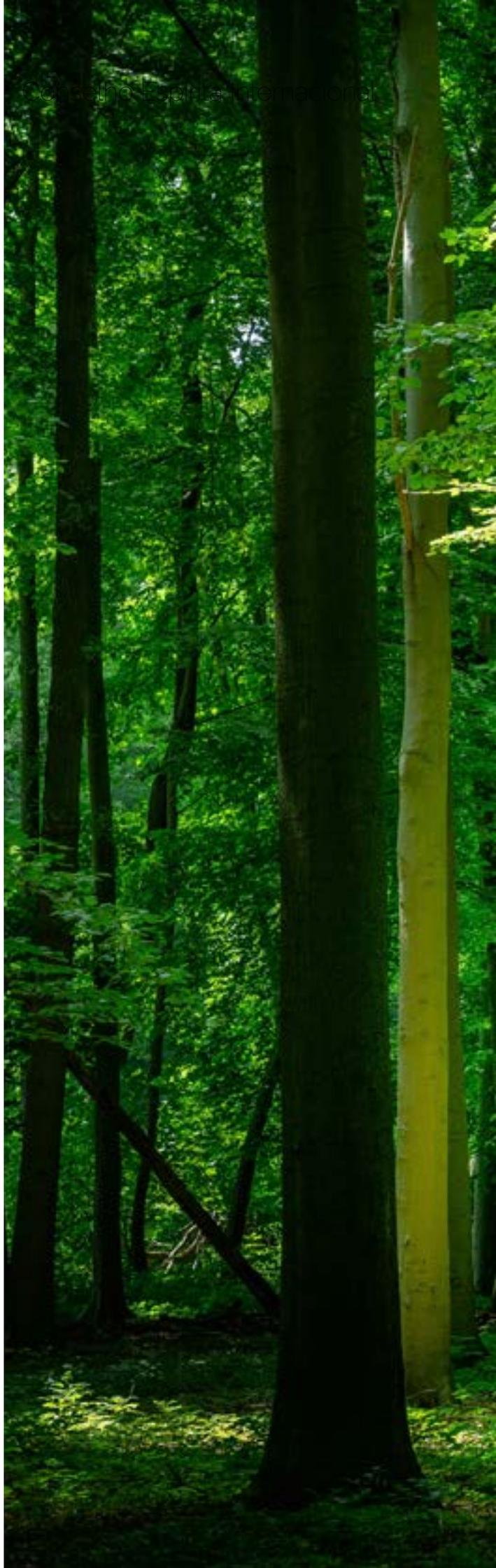
KARDEC, Allan. 2013a. *O Livro dos Médiuns, ou, guia dos médiuns e dos evocadores: Espiritismo experimental* [tradução de Guillon Ribeiro a partir da 49a edição francesa de 1861]. (Edição Histórica). Brasília: FEB.

ROSENBERG, Marshall. 2006. *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ágora.

SANTOS, Elisama. 2020. *Educação não violenta: como estimular autoestima, autonomia, autodisciplina e resiliência em você e nas crianças*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.

SPYER, Juliano. 2020. *Povo de Deus: Quem são os evangélicos e porque eles importam*. São Paulo: Geração Editorial.

Agradecimento: A Renata Strino, pela revisão e críticas.





**Chegaria o tempo
em que Deus
não seria adorado
em locais específicos,
mas em espírito
e verdade**

Conselho Espírita Internacional

Momento Espírita®

Redação do Momento Espírita,
com versos iniciais do poema
"Vozes da África", do poeta brasileiro
Castro Alves



Deus, Onde Estás?





Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?

*Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
embuçado nos céus?*

*Há dois mil anos te mandei meu grito, que
embalde desde então corre o infinito...*

Onde estás, Senhor Deus?...

* * *

Dessa forma, o poeta dos escravos lançava sua súplica, em nome da África sofrida, que tinha seus filhos arrancados do seu seio para serem vendidos pelo mundo.

Como ele, em certos momentos de profunda dor, endereçamos nossos lamentos aos céus: Onde está Deus que não salvou a vida do meu filho?

Onde está o Deus de misericórdia que permite que os homens sejam lobos dos seus irmãos?

Onde está Deus que não impede as grandes catástrofes? Por que não governa os mares, não cala os vulcões e não dá ordens às tormentas para que se aquietem?

Onde está Deus que permite que alguns poucos homens se elejam como detentores da justiça e matem os seus semelhantes?

Onde está Deus que não detém o braço assassino, que não emudece as bocas da calúnia que destroem vidas, a maldade generalizada?

Onde está?

E, embora o sofrimento nos fira com punhais em brasa, entre os nossos soluços, poderemos ouvir a voz dos imortais a sussurrar:

Deus está em ti, Seu filho. Onisciente, onipresente. Tudo sabe, tudo vê, a tudo preside.

Reclamas das reações da natureza, esquecendo que este é um planeta em que se revezam e se reprisam provas e expiações.

É uma escola e o aprendizado, por vezes, é duro. Exatamente como para quem deseja galgar os degraus da sabedoria, as horas de estudo se fazem árduas.

As dores que te alcançam são aquelas que te provam a resistência, que te desafiam a inteligência, que te fazem crescer.

Nada acontece por acaso e cada um está exatamente onde deve estar, no momento exato.





As convulsões do planeta são os movimentos de reestruturação de um mundo em progresso. Progresso material. Modificam-se as paisagens, saneiam-se locais.

As loucuras provocadas pelos homens são produto do livre-arbitrio com que Deus a todos dotou. Tu também o tens para crescer, aproveitando as lições que te maltratam.

Verifica que todos os grandes homens alcançaram a glória na ciência, nas artes, nos feitos heroicos, por sua vontade férrea de vencer.

Tu também o podes. Deus te deseja feliz, passada a tempestade que te vai na alma.

O sofrimento que te alcança, passará. Tudo passa. Os que promovem o mal responderão por seus atos insanos, logo mais ou um pouco depois.

Nada está errado neste imenso mundo de Deus. E Ele sabe das dores da tua alma, da fome de justiça de tantos, da incoerência e loucura de muitos.

Não te desespere. Permite-te ouvir a voz que fala: "Meu filho, tu me chamaste. Aqui estou.

Não estás só. Estou contigo. Sê forte. O sol voltará a brilhar, o problema terá solução.

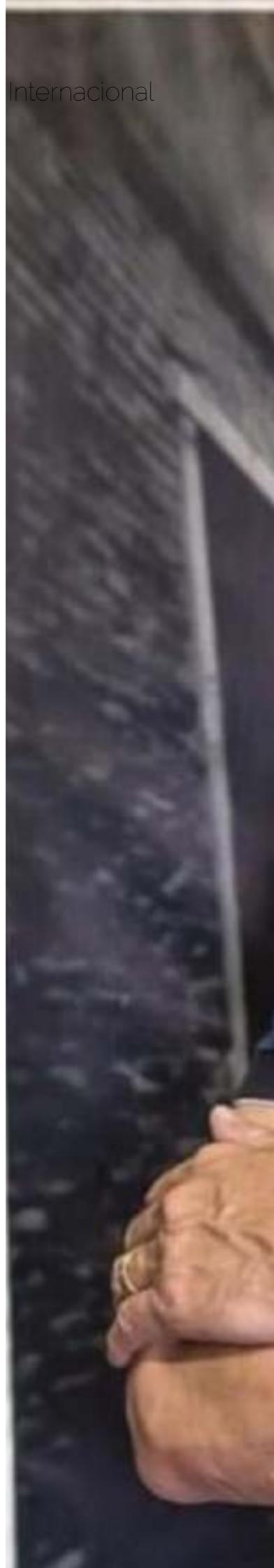
Não chores a ausência dos amores. Eles estão contigo. Transferiram-se de uma para outra esfera. Os teus mortos estão de pé."

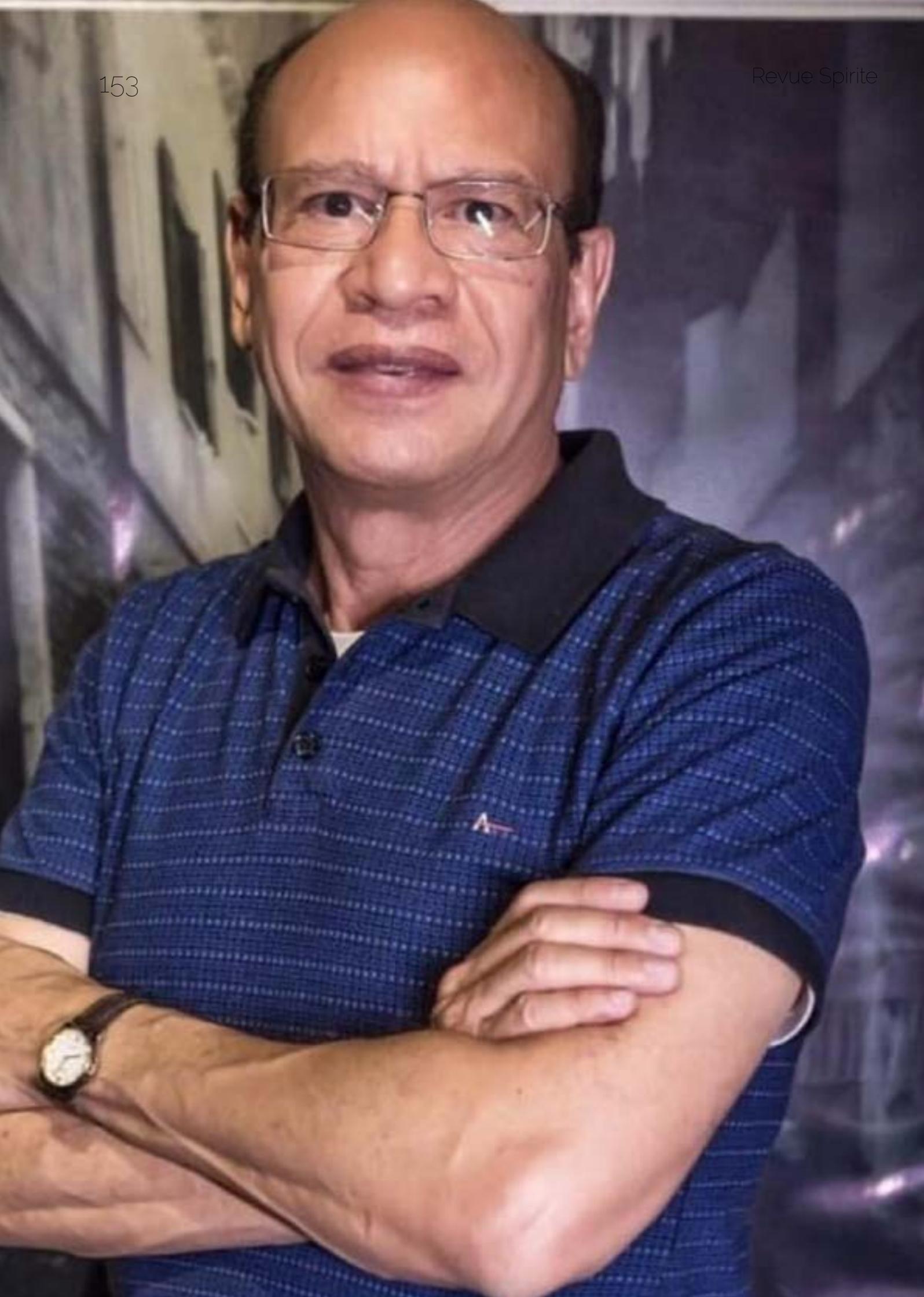
* * *

Se tudo examinares pela perspectiva da justiça, entenderás que tudo está certo, no plano da Divina Criação.

Sossega tua alma. Permite-te sentir o afago divino na intimidade de ti mesmo. Tudo passa. Acredita.

Entre
vista
Jacobson
Trovão

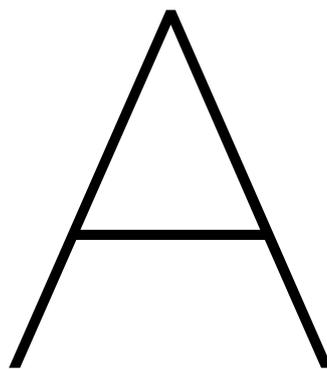






A mediunidade

veio para a
humanidade
e não para
esse ou
aquele



lém de seu papel fundamental como coordenador nacional da Área da Mediunidade no Conselho federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, Jacobson Trovão é conferencista, advogado, Procurador Municipal (Goiânia, Brasil) e professor de graduação e pós-graduação em direito.

É ainda autor dos livros *Psicofonia na obra de André Luiz* e *Nas areias de Cafarnaum - Contos ambientados à época de Jesus*. Publica artigos na revista *Reformador*, periódico da Federação Espírita Brasileira e apresenta semanalmente o programa "Estudando O Livro dos Médiuns", no canal da FEBTV no youtube.

É um estudioso e uma voz respeitada no campo da mediunidade, a que tem dedicado o seu tempo, contribuindo para uma melhor compreensão e bem-estar daqueles que buscam respostas e orientações.

Para começar, poderia falar um pouco sobre o seu papel e responsabilidades como coordenador nacional da Área da Mediunidade no Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira?

Primeiramente, gostaria de agradecer à Revue Spirite pelo simpático convite para esse diálogo, rogando a Jesus que ampare o Conselho Espírita Internacional, a fim de que prosiga, dando continuidade ao trabalho de nosso Codificador Allan Kardec.

O Coordenador Nacional da Área da Mediunidade do Conselho Federativo Nacional da FEB detém a responsabilidade de, em conjunto com as federativas estaduais e do distrito federal, estimular, promover e desenvolver o estudo e a prática da mediunidade, à luz da Doutrina Espírita, no âmbito das instituições espíritas do Brasil.

A pretensão é formar uma rede de trabalhadores cuja atenção esteja voltada para o médium, seja ele novato ou veterano.

Poderia referir algumas experiências ou casos notáveis que demonstram o poder e a validade da mediunidade?

Tivemos, ao longo da história, médiuns excepcionais, assim revelados pelo Espiritismo, que, pelo seu sacrifício e humildade, contribuíram e contribuem, inspirando a humanidade à alta espiritualização. Po-

deríamos, para citar apenas alguns, destacar a bicorporeidade de Santo Antônio de Pádua, as levitações de Cupertino, o êxtase de Tereza d'Ávila, as inspirações de Joana D'Arc, o apostolado mediúnico de Francisco de Assis, a vidência de Emmanuel Swedenborg, o médium americano Andrew Jackson Davis, o "Profeta da Nova Revelação", os diálogos com os mortos das Irmãs Fox, as materializações de Eusápia Palladino, Florence Cook trazendo à vida Katie King, a psicografia das irmãs Boudin, as levitações de Daniel Dunglas Home, os mais de 400 livros de Chico Xavier, a vida astral de Yvonne do Amaral Pereira e Divaldo Pereira Franco, dando voz aos Espíritos iluminados.

Não podendo nos esquecer dos iniciados Egípcios e Hindus, dos Profetas hebraicos, das Pitonisas, dos xamãs e dos pajés, espetaculares médiuns, exibindo a mediunidade como inerente ao progresso da humanidade.

A mediunidade veio para a humanidade e não para esse ou aquele.

O Espiritismo enfatiza a necessidade de estudo, disciplina e caridade. Como esses princípios se relacionam com a prática da mediunidade?

O estudo, a disciplina e a caridade constituem o tripé da mediunidade sublimada. É importante considerar que a faculdade mediúnica não é em si boa ou má. É um sentido humano, como o de ver, de ouvir ou de falar.



Encastelada

na reunião mediúnica,
como pretendem muitos,
a mediunidade
não passa
de fonte de
fenômenos



A alma,
pela mente,
comanda o corpo,
num permanente
ato mediúnico

É, portanto, neutro. O conhecimento, a prática da caridade, a dedicação, a humildade, o desinteresse, a moralidade dão o diferencial. Costuma-se a isso denominar "mediunidade com Jesus". Todo médium pode e deve transformar a sua mediunidade num messianato. Missão é tarefa. Cumprir essa tarefa é apostolar-se em nome do Cristo, na entrega incondicional ao amor, em benefício de si mesmo e do próximo. Na Bíblia temos erguido esse mesmo tripé, nas palavras iluminadas de Jesus: "fé, oração e jejum". Ou seja, nos conceitos espíritas, fé raciocinada, condicionada ao estudo, sintonia obtida pela oração e prática do bem, e a disciplina mental, emocional e sentimental simbolizada no jejum. Assim, o médium, deixando de lado o "tudo querer e o tudo fazer", como nos ensina o Mentor Universal Emmanuel, se torna apto a servir com as Grandes Almas.

A maioria das pessoas pensa que a mediunidade está apenas relacionada com a cura e o auxílio espiritual aos necessitados? Para si, qual o verdadeiro sentido da mediunidade na atualidade?

Mediunidade relacionada exclusivamente com a cura e o auxílio espiritual aos necessitados é a visão comum, valiosa, mas um tanto estreita e reducionista. Minimizar o impacto da mediunidade na vida de uma pessoa decorre do atavismo geral de que médium é apenas aquele que é capaz de psicografia, psicofonia, vidência e outros fenômenos positivos. A cura espiritual e o auxílio espiritual

aos necessitados são aspectos significativos da mediunidade, mas formam tão-somente uma face da faculdade mediúnica. Encastelada na reunião mediúnica, como pretendem muitos, a mediunidade não passa de fonte de fenômenos materializantes, que distanciam o indivíduo do objetivo primordial dessa faculdade sublime, isto é espiritualizar o ser humano.

A mediunidade é a expressão exterior da faculdade mediúnica, da qual todos somos portadores, como afirma Allan Kardec. Particularmente entendo que, dentre tantas contribuições que o Espiritismo trouxe à humanidade, todas de grande valor, duas se destacam: a constatação da existência do Espírito, como entidade humana, sobrevivente à morte do corpo físico; e a notável evidência do sentido mediúnico, totalmente desconhecido da ciência humana, mas que haverá de provocar um novo direcionamento das pesquisas acerca da psique. Conquanto a ciência, insipiente em matéria de Espírito, limitada aos recursos materiais, não poder ainda afirmar a existência dessa faculdade ou sentido, os potenciais psíquicos ditos paranormais evidenciam sua atuação. Haveremos de concluir que, ante tantos efeitos, necessariamente deve haver algo mais na mente, que vai além dos cinco sentidos conhecidos. Uma causa.

A vidência, a telepatia, o sonambulismo, a escrita automática, os estados alterados de consciência não patológicos vão encontrar segura explicação a partir dos estudos de Allan Kardec sobre a faculdade mediúnica.

Elucidando o tema, temos o Espírito Emmanuel, por Chico Xavier, definindo mediunidade, no introito do livro *Mediunidade e Sintonia* (FEB/CEU): “Mediunidade é força mental, talento criativo da alma, capacidade de comunicação e de interpretação do Espírito, ímã no próprio ser”.

Em sucinto comentário, no âmbito de nossa limitada possibilidade interpretativa, temos de considerar “Força Mental”, como toda a gama de ações do Espírito encarnado sobre o perispírito e corpo físico. Ação essa viabilizada pela glândula pineal, que age basicamente sobre o fluido vital, o fluido magnético animal e fluido elétrico. Essa força trinitária que circula no perispírito, expande-se para o corpo físico, comanda todas as funções orgânicas, voluntárias e involuntárias. Os sistemas simpático e parassimpático, o sistema límbico, em destaque, estão jungidos à força trinitária comandada pela mente espiritual, por intermédio da faculdade mediúnica. Dessa forma, a alma comanda a vida no corpo físico, bem como todas as possibilidades perispirituais. Podemos, sem dúvida, dizer que a faculdade mediúnica sustenta a vida.

No mesmo passo, “talento criativo da alma, capacidade de comunicação e de interpretação do Espírito, ímã no próprio ser”, referem-se, respectivamente, às criações intelectuais, gerando resultados nos mais diversos campos da genialidade humana; a comunicação e interpretação, como a possibilidade dos fenômenos mediúnicos, desde a telepatia, decorrente da interpenetração psíquica

entre duas pessoas que se comunicam por meio da linguagem universal, o pensamento, até às fantásticas materializações de espíritos; e finalmente, a aura magnética que exterioriza nossos pensamentos. É a plataforma de intercomunicação entre encarnados e desencarnados. Verdadeira zona de amplo magnetismo, que Kardec nominou de atmosfera perispiritual dos encarnados.

Podemos, então, verificar que a faculdade mediúnica tem funções amplas. Por isso somos seres mediúnicos, por natureza. A alma, pela mente, comanda o corpo, num permanente ato mediúnico. Pode ser, por tudo isso, que Chico Xavier ao ser perguntado se a mediunidade seria uma janela voltada para o céu, ele tenha respondido que a mediunidade era, para ele, “uma janela voltada para a vida”. Daí dizer que somos médiuns nas vinte e quatro horas do dia.

Quais os maiores desafios que enfrenta no trabalho de coordenação da Área da Mediunidade?

O maior desafio, sem dúvida, é conscientizar o médium da necessidade do estudo. Ainda existe muita oposição, com a justificativa de que a prática basta, de estar desenvolvido ou de que estudar é enfadonho. Ocorre que o estudo dá qualidade ao produto do fenômeno, ou seja, a mensagem mediúnica. Kardec observa que o conhecimento geral da mediunidade, assim como o específico, permitem ao médium melhor interpretação do pensamento do comunicante espiritual. Ao contributo



Mediunidade

é força mental,
talento criativo da alma,
capacidade de
comunicação
e de interpretação
do Espírito,
ímã no próprio
ser



Missão é tarefa.
Cumprir essa tarefa
é apostolar-se
em nome do
Cristo

do médium na recepção da mensagem mediúnica, isto é, à vestimenta do pensamento com as palavras do vocabulário pertinente ao medianeiro, Kardec denominou de "influência do médium nas comunicações". Mais tarde o pesquisador russo Alexandre Aksakof denominou o mesmo fenômeno de animismo. Simplificadamente, o pensamento é do espírito, as palavras são do médium. Isso porque o comunicado se dá mentalmente por meio de imagens, emoções e sentimentos, que precisam ser decodificados pelo receptivo. Não há transmissão de palavras. Então o médium capta o pensamento telepaticamente e transmite segundo sua capacidade interpretativa. Assim, o conhecimento amplia a capacidade receptiva mediúnica. Daí, ser tão importante estudar.

Qual é a mensagem que gostaria de transmitir às pessoas que estão interessadas em aprender mais sobre a mediunidade e o Espiritismo?

Estudar e aplicar o conhecimento na vida diária. Compreender que o estudo do Espiritismo e da mediunidade, em específico, visam a espiritualização do ser. Tirar da mente a ideia tão comum de que o estudo da mediunidade a desenvolve; isso não ocorre, são necessários outros fatores para se desenvolver a mediunidade, que o estudo não afeta, como por exemplo a predisposição reencarnatória ou a frequência regular à reunião mediúnica. Igualmente, é preciso entender que o estudo da mediunidade é matéria doutrinária, como os demais temas de Espiritismo que, portanto,

todos devem conhecer. O estudo da mediunidade é a porta que se abre para a compreensão da essência da Sociedade dos Espíritos, muito mais ampla e complexa que a sociedade dos encarnados. Ambas as sociedades se intercomunicam. Compreender essa dinâmica, que se dá no dia a dia é fundamental para o equilíbrio, evitando distonias mentais provocadas por assédio de desencarnados, muitas vezes tão inconscientes da realidade espiritual quanto a maioria dos encarnados na Terra. Buscar, sim, o estudo da mediunidade que nos auxilie a viver e a entender os fatos da vida.

Se lhe fosse permitido evocar um Espírito, como na época de Kardec, quem evocaria? E que pergunta lhe faria?

Pergunta interessante. Não somos daqueles que incentivam as evocações de personalidades específicas, conquanto sejamos obrigados a considerar a prece como uma evocação, nesse caso, visando a elevação dos pensamentos, na busca da sintonia com os espíritos superiores, com Jesus e com Deus nosso Pai. Idealmente, antes de buscarmos pela evocação esse ou aquele espírito, pretendendo que ele venha até nós, descendo ao nosso nível, seria mais justo que buscássemos nos elevar até àqueles a quem chamamos. Então, não teríamos nenhuma entidade específica que ousaríamos incomodar com nossas perguntas, já que nas obras temos todas as respostas ao nosso coração.

Comunicação Social Espírita

ISMAEL DE MOURA COSTA , MARCIAL BARROS, ANDRÉ HENRIQUE DE SIQUEIRA*

Comuni
caçã

&

Per

dã



***Ismael de Moura Costa**

Mestre em Ciência da Informação e bacharel em Sistemas de Informação. Atua na Federação Espírita Brasileira como colaborador voluntário no ESDE, encontros da AFAM e como Coordenador Nacional Adjunto da ACSE do CFN.



***Marcial Barros**

Membro fundador da Associação No Invisível Estudos e Divulgação Espírita, é vice-presidente da Federação Espírita Portuguesa e coordenador da Área de Comunicação Social Espírita do CEI
marcialbarros@cei-spiritistcouncil.com.



***André Henrique de Siqueira**

Diretor de Comunicação na Federação Espírita Brasileira. Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília.
andrehsiqueira@febnet.org.br



Uma comunicação
caridosa pode refletir
o melhor
da nossa humanidade
compartilhada

Resumo

Ao abordar o tema da Comunicação espírita temos enfatizado aspectos fundamentais e elementares para o processo comunicativo à luz da Doutrina Espírita, conforme codificado por Allan Kardec. A vivência comunitária da Comunicação Caridosa traz a oportunidade de tornar o processo comunicativo mais fraterno e pacífico e transforma a comunicação em um alicerce sobre o qual são construídas as relações humanas e ecológicas. Uma moral surge como efeito desses processos comunicativos assentados sobre fundamentos de entendimento das Leis Naturais. Desde os tempos ancestrais, em que os primeiros símbolos desmaterializaram as atividades humanas, até o atual território das redes sociais, tão vasto e superficial, onde a interação é rápida e muitas vezes impessoal, a comunicação caridosa emerge como proposta espírita de relacionamento interpessoal e conseqüentemente também como a ferramenta mais efetiva e construtiva na gestão de conflitos. Este artigo explora a interseção entre o perdão e a comunicação caridosa, destacando como essa abordagem será mais edificadora e assertiva na consolidação dos diferentes interesses envolvidos em cada sociedade, sobrepondo a manutenção de posições antagônicas, baseadas eventualmente em melindres, remorsos ou em processos de vingança.

Palavras-chave

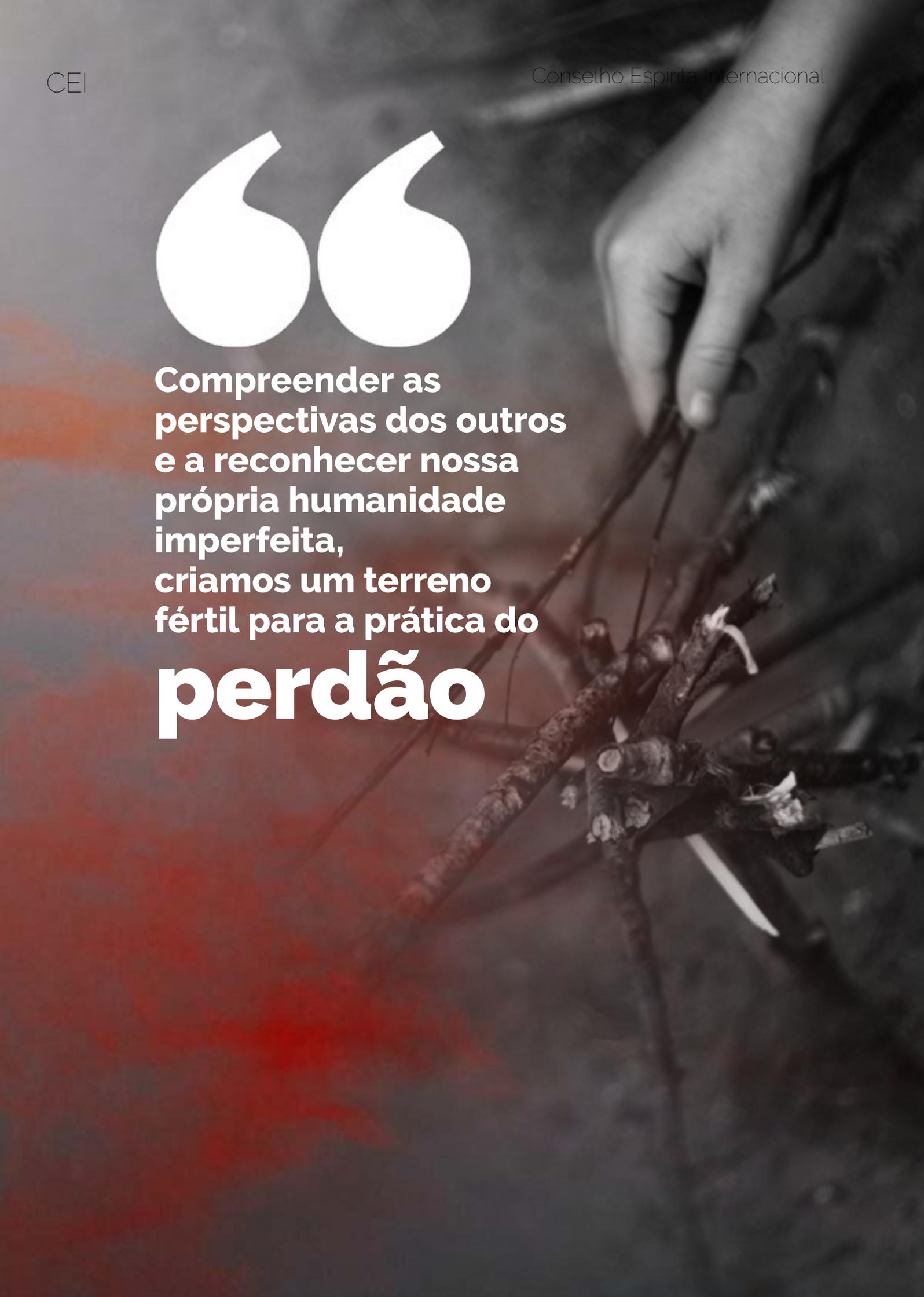
Comunicação Caridosa, Perdão, Juízo, Humildade, Doação.



A escolha
está em nossas mãos
podemos perpetuar
a negatividade
e os conflitos,
ou podemos optar
pela benevolência,
indulgência
e perdão

“

**Compreender as
perspectivas dos outros
e a reconhecer nossa
própria humanidade
imperfeita,
criamos um terreno
fértil para a prática do
perdão**



O Perdão como Base para a Comunicação Caridosa

No âmago do conceito de caridade, conforme preconizado pelos mentores espirituais em *O Livro dos Espíritos*, em sua questão 886, identifica-se a expressão da “benevolência para com todos, a indulgência para com as imperfeições alheias e o perdão das ofensas”. Essa visão transcende o que temos vivenciado em relação a nosso modo de convivência, ao julgamento rígido que fazemos das atitudes dos outros e à forma como tradicionalmente entendemos a caridade, mesmo nos dias atuais. Este entendimento expandido e original de caridade, estabelece as bases para uma comunicação mais compassiva e consciente da posição do outro em nossas vidas. Quando nos dispomos a compreender as perspectivas dos outros e a reconhecer nossa própria humanidade imperfeita, criamos um terreno fértil para a prática do perdão, também no seu contexto mais puro.

Etimologicamente, a palavra “perdão”, derivada do latim *perdonare*, sugere uma interessante perspectiva. Significando “permanecer doando”, o perdão é visto não como uma perda de poder, mas como uma contínua oferta de compreensão e aceitação. Como a doação de seu direito de cobrar algo para que o devedor tenha sua remissão. O verbo *nassah* originado no hebraico, que significa “levantar” e “levar embora”, expressa também o sentido original do perdão como ato de deixar para traz, de abdicar de algo. Aplicar essa ideia ao processo comunicativo significa construir um espaço onde as diferenças podem ser esquecidas ou transformadas, deixando para traz aspectos de disputas ou supostos direitos de reparação por ofensa, causando a reconciliação e transformando os conflitos em oportunidades de aprendizado mútuo.

A atitude de cobrança que assumimos ante as faltas alheias pressupõe nosso direito de juízo e a prerrogativa do direito à reparação, como se um julgamento já estivesse concluído e o outro condenado. Mas as relações entre os seres e os motivos que levam a este ou aquele comportamento impedem a plenitude do juízo e impactam diretamente nosso direito imediato de reparação ante as diferenças de perspectivas e a amplitude das possibilidades. Assim, a capacidade de dialogar – de apresentar as diferentes perspectivas e convergir para um entendimento comum – apresenta-se como necessidade premente para nossas querelas cotidianas, reclamando mais necessidades de comunicação.

Precisamos compreender que não temos a capacidade de acessar e compreender a complexidade de nenhum ser, por mais que convivamos décadas com uma pessoa, não temos a capacidade de devassar a sua intimidade ou decifrar todos os aspectos que a tornam humana.

Como julgar alguém, mesmo do ponto de vista humano, sem considerar as causas que justificam as ações dessa ou daquela pessoa. Claro que não nos referimos aqui ao processo judicial técnico e socialmente instituído com o fim de estabelecer limites de civilidade e humanidade entre todos, nos referimos a esse “rotular” que realizamos desde as primeiras impressões, até aos atos mais mezinhos que podemos perceber nos indivíduos com quem convivemos no nosso dia-a-dia.

Nesse nosso engano reiterado de nos colocarmos na posição de juizes dos outros, também acreditamos que quando somos feridos por quem quer que seja, somente o perdão servirá como absolvição daquele que nos feriu. O orgulho apresenta-se como um dos princípios que, uma vez assumido, aumenta a nossa soberba e nos colocamos nesse papel de juizes, como se pudessemos condenar ou absolver segundo os sabores de nosso egoísmo.

Mas se reconhecermos as limitações das nossas percepções e juízos, face às leis de amor que regem todo o Universo, não mais nos situamos na posição



**Nos colocamos
nesse papel de juízes,
como se pudéssemos
condenar ou absolver
segundo os sabores de
NOSSO
egoísmo**



O teu
silêncio
falará por ti
muito mais

de juízes implacáveis compreendendo a necessidade de educação recíproca, de aprendizado comum, de correções coletivas para o melhor ajustamento de nossas condutas ao princípio da felicidade geral e a uma vida que merece ser vivida – fundamentos da ética universal.

A atitude de perdão convida a continuar caminhando, doando sempre. A doação do próprio direito de nos sentirmos ressentidos com aquele que causou a agressão da qual nos sentimos vítimas. A estratégia é soltar o peso da dor que se carrega, do remorso, soltar o peso do pesar e seguir em frente. Se não podemos entender, de pronto, as circunstâncias que levaram aos eventos danosos que consideramos injúrias, traições, calúnias entre outros tantos tipos de dores, a vida nos convida a continuar na caminhada, a permanecer doando, compelidos a limpar nossas lágrimas e seguir para adiante, confiando que o tempo construirá as circunstâncias de reconciliação e aprendizado. Cientes de que o mal recebido não deve permanecer em nós para além do tempo necessário ao aprendizado das lições de resiliência e para sabermos seguir na jornada de alma limpa, sem o peso do remorso que dilacera e machuca. Se o erro foi do outro, por que nos cabe o aprisionamento na dor e no sofrimento? É preciso levantar-se e seguir renovando-se. Reconstruir.

Assumimos aqui a posição de que o perdão só é viável se for praticado dessa forma e em serviço útil, pois não havendo como ser superado em meio ao orgulho ou à vingança, só nós mesmos podemos nos livrar daquilo que nos aprisiona. Este raciocínio pode ser expresso de várias formas, até mesmo com o silêncio, lembrando as palavras do Espírito Emmanuel quando nos convoca a uma postura útil de serviço ao asseverar: “Continua agindo e servindo para o bem. O teu silêncio falará por ti muito mais.”¹

Neste sentido a comunicação transforma-se, com o perdão, numa ferramenta mais sofisticada que nos ensaje “permanecer doando” com a máxima resiliência possível, conferindo maior eficácia no processo comunicativo.

1. Ver o capítulo “O Silêncio fala”, da obra *Pronto Socorro*.

Não Somos Juizes: A Importância da Humildade na Comunicação

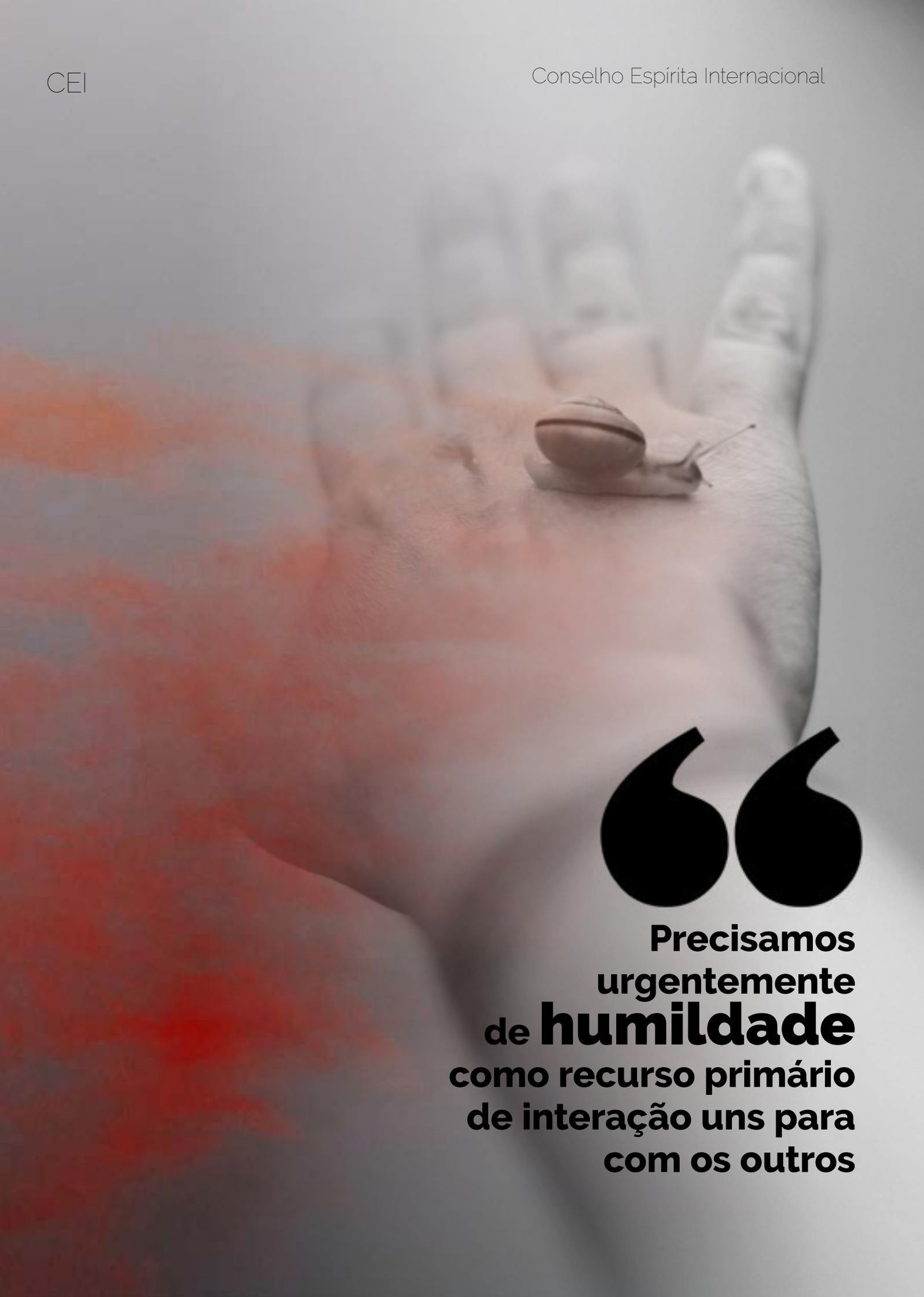
Voltamos ao problema dos juizados individualistas. Ao explorarmos a interseção entre comunicação e perdão é crucial reconhecer nossa incapacidade para avaliar toda a extensão das causas que levam os outros a adotar esta ou aquela atitude. Somos juizes imperfeitos da conduta alheia.

Mas há um outro aspecto a considerar. Além de sairmos da tribuna de nossas pretensas jurisprudências ilusórias, precisamos colocar os pés no chão e contemplar a realidade em nossas observações e juízos. Precisamos urgentemente de humildade como recurso primário de interação uns para com os outros.

A humildade é uma peça fundamental nesse quebra-cabeça, permitindo-nos compreender que todos somos suscetíveis a erros e mal-entendidos. Se considerarmos a dimensão espiritual, onde passamos por vários graus evolutivos, percebemos que todos já podemos ter sido perversos ou suscetíveis a práticas exacerbadas que nos estagnaram e potencialmente prejudicaram outros. Na dimensão espiritual temos ainda mais necessidade de compreensão e discernimento. A prática do perdão, em todas as dimensões do ser, não é apenas uma ação benevolente, mas um reconhecimento da nossa própria humanidade compartilhada. Reconhecer nossas limitações e nossas potencialidades é a essência do ser humilde: é colocar os pés na terra de nossa própria realidade.



**O perdão
é visto não
como uma
perda de poder,
mas como uma
contínua oferta
de compreensão
e aceitação**



**Precisamos
urgentemente
de **humildade**
como recurso primário
de interação uns para
com os outros**

Mesmo as organizações comerciais já entenderam a importância de se estar conectado com a realidade em todas as relações sociais. Para uma grande parte da estratégia das empresas, os chamados "soft skills" são cruciais para a efetividade das estratégias organizacionais².

Na comunicação online, onde a distância física pode amplificar mal-entendidos, a humildade se torna uma ferramenta valiosa para mitigar conflitos. Ao adotarmos uma postura menos julgadora e mais compreensiva, abrimos espaço para a reconciliação e a construção de relações virtuais mais autênticas. A dica aqui é confirmar os entendimentos, verificar duas ou mais vezes qual seria a intenção por trás de cada mensagem. Confirmada a intenção, permanecer doando, com gentileza e compassividade, mesmo que o outro não reconheça. Talvez a melhor explicação para o que estamos propondo seja: Fale daquilo que seu coração está cheio, mas antes preencha-o de amor, doçura, harmonia e vontade de unir, servindo.

A nossa vivência é nosso melhor instrumento de divulgação da Doutrina Espírita. Nossas ações falarão por nós. Nossos resultados ficarão. Façamos o melhor por todos e aprenderemos no nosso próprio caminhar.

2. Ver: <https://doi.org/10.1007/s10551-011-1125-1> para uma abordagem sobre perdão e reconciliação no espaço de trabalho, nos diversos níveis organizacionais.
<https://doi.org/10.1007/s10551-021-04885-2> para uma análise sobre a possibilidade de um perdão "incondicional" no ambiente de trabalho. E, <https://doi.org/10.1023/A:1005762514254> para uma análise sobre o perdão como uma estratégia de Gestão de Recursos Humanos.

A Produtividade do Perdão na Condução de Crises Midiáticas

Num cenário onde o digital está cada vez mais presente em nossas relações, as crises midiáticas surgem em questão de segundos, muitas delas alimentadas por comentários de ódio dos “haters”, leviandades sofistas e os chamados “cancelamentos”. A abordagem tradicional de resposta a essas situações muitas vezes envolve a defesa de posições, alimentando um ciclo de ressentimento e hostilidade. No entanto, a estratégia da comunicação caridosa, com o uso do perdão, emerge como uma alternativa mais produtiva.

Existem estudos a comprovar a eficácia do perdão para o indivíduo que o pratica³. Desde benefícios para a saúde dos sistemas digestivo, respiratório, vascular e até mesmo cerebral, possuímos atualmente uma vasta literatura disponível sobre os benefícios do perdão para o organismo dos seres humanos.

Estudos psicológicos⁴ mostram que a prática do perdão está associada a benefícios tanto para o agressor quanto para o ofendido. O perdão reafirma em nós a nossa condição espiritual, desmaterializa-nos os sentimentos, pacifica o espírito e restabelece a harmonia dos elementos constituintes do nosso perispírito com a imensidão cósmica do Amor Divino; reduz o *stress* e promove a saúde mental, contribuindo ao mesmo tempo para a criação de um ambiente mais positivo e colaborativo.

Se podemos verificar as consequências benéficas do perdão no indivíduo, como podemos praticar uma comunicação baseada no perdão, em nossas ações e interações sociais. Será que podemos expandir os benefícios do perdão para além dos indivíduos que perdoam?

Aplicada à esfera digital, a comunicação em perdão interrompe a propagação de negatividade, transformando conflitos em oportunidades de crescimento e entendimento mútuo.

3. Ver: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003185662> para uma revisão sistemática sobre o perdão na perspectiva do ofensor. E, <https://doi.org/10.1590/1982-3703003185662> para uma abordagem sobre os aspectos conceituais do perdão no campo da Psicologia.

4. Ver: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e37414> sobre o perdão como meta de intervenção em apenados, um estudo sobre a aplicação das dimensões do perdão em apenados. E, <https://doi.org/10.1016/j.paid.2008.05.009> para um estudo mais detalhado do tema.



Reconhecer
nossas limitações
e nossas potencialidades
é a essência do ser humilde:
é colocar os pés na terra de
nossa própria realidade



O perdão (...),
desmaterializa-nos
os sentimentos,
pacifica o espírito e
restabelece a harmonia
dos elementos constituintes
do nosso perispírito
com a imensidão cósmica
do Amor Divino

O Papel da Comunicação Caridosa na Redução de Danos

A comunicação caridosa, marcada pela compreensão e aceitação, desempenha um papel crucial na redução de danos causados por eventos críticos nas redes sociais. Comentários de "haters" e "cancelamentos" frequentemente desencadeiam uma espiral de negatividade que prejudica não apenas o indivíduo visado, mas toda a comunidade envolvida. Adotar uma abordagem de perdão na comunicação é uma estratégia que visa interromper esse ciclo vicioso.

A partir de princípios novos, surgem novas estratégias. Os planos de comunicação das organizações não precisam ser agressivos para percorrer um caminho promissor no cumprimento de suas diretrizes.

Assumindo a postura de permanecer doando, empregamos a não confrontação direta como estratégia de comunicação, considerando a seguinte lógica:

- Se a crítica for construtiva: então forma-se um espaço de diálogo, onde todos crescem.

Esse cenário frutifica e produz bons resultados.

Quanto mais diálogo, maiores as oportunidades de ações positivas e de progresso mútuo.

Essa comunicação é ativa e efetiva.

- Se a crítica vier carregada de leviandade, falácias, sofismas, tentando denegrir a imagem da pessoa ou instituição às custas de disputas pueris, muitas vezes oriundas de posições que não querem ser evoluídas, embora possam ser danosas, sobre vários aspectos, então, não devem dar ensejo a respostas infrutíferas.

Se há calúnia ou difamação, então, processos legais podem ser aventados, mas a postura de permanecer doando se mostra mais eficaz, continuando a obra de divulgação, mantendo-se coerente com os princípios doutrinários e evitando a todo custo o recurso a comentários ou ações menos felizes dos críticos.

A comunicação caridosa neutraliza a hostilidade, promove maior compreensão e incentiva um diálogo construtivo. Quando confrontados com comentários ofensivos, a prática do perdão permite que indivíduos e comunidades resistam à tentação do revanchismo, optando por respostas mais construtivas ou até mesmo o silêncio em alguns casos. Essa mudança na dinâmica comunicativa contribui para a construção de um ambiente online mais saudável e colaborativo.



A prática
do perdão permite que
indivíduos
e comunidades
resistam à tentação
do revanchismo

Um Chamado à Transformação na Comunicação Online

Num mundo onde as interações online moldam significativamente nossas experiências e relações, a comunicação caridosa e a prática do perdão emergem como ferramentas essenciais para transformar o tecido das redes sociais. Ao reconhecer nossa própria humanidade imperfeita e abraçar a humildade, podemos construir uma cultura online mais positiva e construtiva.

De fato, há muitas pesquisas que podem contribuir aprofundamentos oportunos a respeito da eficácia do perdão em nossas relações sociais, mas parece que o senso comum já é suficiente para confirmar essa abordagem. Há aqui um caminho claro para uma transformação positiva no tratamento interpessoal tão necessário para nossa evolução.

Ao integrarmos a comunicação caridosa e o perdão em nosso modo de interagir nas redes sociais, não apenas reduzimos danos e conflitos, mas também promovemos uma comunidade mais saudável e resiliente, esteja ela na geografia da Terra ou nos espaços virtuais.

Em última análise, a escolha está em nossas mãos: podemos perpetuar a negatividade e os conflitos, ou podemos optar pela benevolência, indulgência e perdão. O desafio é grande, mas os benefícios são ainda maiores – uma comunicação caridosa pode refletir o melhor da nossa humanidade compartilhada. Que essa reflexão nos inspire a adotar uma abordagem mais caridosa e de permanente doação em nossas interações virtuais, construindo um ciberespaço mais consciente, coerente e compassivo.

BIBLIOGRAFIA

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 2021. *Pronto Socorro*. Brasília: FEB/CEU.



A comunicação
em perdão
interrompe a
propagação de
negatividade,
transformando
conflitos em
oportunidades
de crescimento e
entendimento
mútuo

Notícias

01 ● 11º CEM

O 11º Congresso Espírita Mundial vai realizar-se nos dias 4 e 5 de outubro de 2025, em Punta del Este – Uruguai, com o tema “Vida depois da Vida”.

O Congresso é organizado pela Federação Espírita do Uruguai, com a coordenação do Conselho Espírita Internacional, através da sua Comissão Executiva.

Mais informações no CEI website <https://cei-spiritistcouncil.com/events/11o-congresso-espirita-mundial/>

02 ● Workshop AIJF

A Área de Infância, Juventude e Família do CEI vai realizar, nos dias 04 e 05 de maio de 2024, um Workshop/Oficina online com o tema “Valorização da Vida”, com o objetivo de promover momentos de reflexão em torno da Valorização da Vida das crianças e jovens, com foco na promoção do autoconhecimento, no fortalecimento da autoestima, na consciencialização das potências da alma e na valorização da experiência reencarnatória.

03 ● Federação Espírita Uruguiaia - 37 anos

A Federação Espírita Uruguiaia completou no passado dia 25 de janeiro o seu 37º aniversário. Para assinalar esta data, a FEU lançou um novo website que pode ver em

<https://feu.uy.ogum.mx>

04 ● Comissão de Juventude Espírita Mundial

O CEI criou uma Comissão de Juventude Espírita Mundial. Essa comissão está a trabalhar para unir os jovens espíritas de todas as partes do mundo, através da realização de diversas atividades conjuntas. .

05 ● Grupo de Estudo

A Comissão de Juventude da AIJF/CEI está a formar um grupo de estudos para toda a juventude mundial. Um espaço jovem pensado para estudar o Espiritismo, confraternizar e unir corações do mundo inteiro. Estas reuniões decorrerão no terceiro domingo de cada mês, em três idiomas: Inglês, Português e Espanhol. A primeira reunião teve lugar no passado dia 24 de março.



01



02



04



03



05

06 ● 13ª Conferência

Espírita - Flórida

A Federação Espírita da Flórida vai realizar, em Orlando, nos dias 6 e 7 de abril de 2024, a 13ª Conferência Espírita, com o tema "JESUS EM NOSSOS DIAS".

Divaldo Franco, Eulália Bueno, Denise Lino e Alberto Almeida são alguns dos conferencistas convidados.

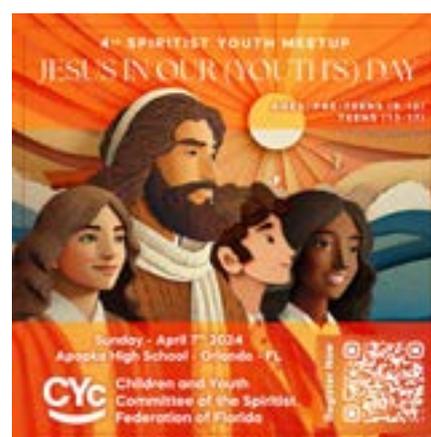
06



07 ● 4º Encontro de Jovens Espíritas

O comitê para a Infância e Juventude da Federação Espírita da Flórida vai realizar no dia 7 de abril, na Escola Secundária Apopka, em Orlando, o 4º ENCONTRO DE JOVENS ESPÍRITAS, com o tema "JESUS EM NOSSO DIA (DOS JOVENS)".

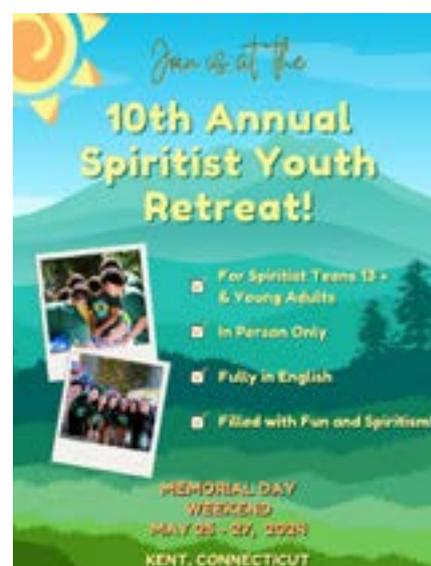
07



08 ● 10º Retiro Anual de Juventude Espírita

Vai decorrer, no fim-de-semana do Dia do Memorial, de 25 a 27 de maio de 2024, em Kent (Connecticut - EUA), o 10º Retiro Anual de Juventude Espírita. O evento presencial, em língua inglesa, destina-se a jovens espíritas com mais de 13 anos e a jovens adultos e promete ser cheio de "Diversão e Espiritismo!"

08



09 ● 1ª Mostra de filmes

Assis, a cidade da Paz, hospeda a 1ª Mostra de filmes brasileiros sobre a imortalidade da Alma.

De 21 a 23 de junho acontecerá um encontro que unirá O Progetto Joanna de Angelis e André Luiz, com o tema "Os desafios da alma" de AME Brasil, e a divulgação do cinema espírita apoiado pela Cinetica Filmes e Federação Espírita Italiana.

Para mais informações e reservas clique no link >> <https://www.nossolarfilm.it>

09

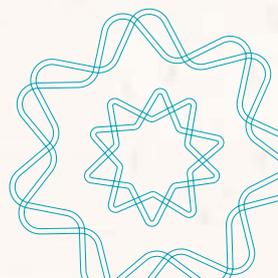


CEI



COMISSÃO EXECUTIVA DO CEI
TRIÊNIO DE 2023 - 2025

Conselho Espírita Internacional





Social Media

Facebook

Instagram

Youtube

Online

<https://cei-spiritistcouncil.com>

revuespirite@cei-spiritistcouncil.com

